



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Uma economia dos rumores em *O Pêndulo de Foucault*

Mariana Gonçalves Penna

Brasília

2021



Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Orientador: Prof. Dr. Luiz César de Sá

Aluna: Mariana Gonçalves Penna – mat. 16/0136750

Uma economia dos rumores em *O Pêndulo de Foucault*

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Brasília, 2021

Uma economia dos rumores em *O Pêndulo de Foucault*

Resumo: Tomando como ponto de partida *O Pêndulo de Foucault* (1988), livro de Umberto Eco, este artigo enfoca as relações entre investigação histórica e a circulação de rumores em romances contemporâneos inscritos no gênero *conspiracy fiction*. Uma análise quantitativa da formação da conspiração elaborada à luz dos trabalhos de Franco Moretti assume, neste estudo, a forma de um gráfico, cujo objetivo é mostrar como índices de adesão são introduzidos de modo cumulativo e estruturado na trama. Além de um inventário quantitativo, propõe-se uma reflexão qualitativa embasada nas formas de engajamento com o conhecimento histórico na economia dos rumores assim instituída, a ser flagrada na caracterização do *pathos*, do *ethos* e do *logos* do intelectual “erudito”, figura adequada aos protagonistas da história, Casaubon, Belbo e Diotallevi.

Palavras-chave: *O Pêndulo de Foucault*; estudos dos rumores; *conspiracy fiction*;

Abstract: Taking as a starting point Foucault's Pendulum (1988), a novel by Umberto Eco, this article focuses on the relationship between historical investigation and the circulation of rumors in contemporary novels registered in the conspiracy fiction genre. A quantitative analysis of the conspiracy formation elaborated in the light of the works of Franco Moretti takes, in this study, the form of a graph, whose objective is to show how adhesion indices are introduced in a cumulative and structured way in the plot. In addition to a quantitative inventory, a qualitative reflection is proposed based on the forms of engagement with historical knowledge in the economy of rumors thus instituted, to be caught in the characterization of the pathos, ethos and logos of the “scholarly” intellectual, a suitable figure for the protagonists of the story, Casaubon, Belbo and Diotallevi.

Keywords: Foucault's Pendulum; rumor studies; conspiracy fiction;

Agradecimentos

Gostaria de registrar meus agradecimentos à banca examinadora, formada pelos professores Raquel Campos e Rafael Viegas, por muito gentilmente dedicarem seu tempo à leitura e apreciação deste trabalho; ao meu orientador e mestre, professor Luiz César de Sá, por todo o aprendizado e, também, por ter me apresentado à obra acadêmica e literária de Umberto Eco; ao Ateliê de Estudos de Retórica (AER – UnB) por todas as reuniões e discussões que me fizeram crescer muito academicamente; ao Pedro Gabriel Moura, por muito atenciosamente fazer o gráfico da conspiração e contribuir com sugestões que o enriqueceram.

Agradeço aos meus pais, Márcia e Pio, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem na busca dos meus sonhos; aos meus padrinhos, Miryam e Paulo José, por estarem ao meu lado em momentos muito importantes, sempre cuidando de mim; às minhas queridas avós, aos meus avôs *in memoriam*, aos meus tios, tias e primas e, à minha irmã Carolina por todo o incentivo e companheirismo; e, especialmente, agradeço ao meu namorado Rafael por sempre me encorajar e lembrar a mim mesma da minha capacidade nos momentos difíceis.

Agradeço, também, às minhas queridas amigas Alana Irigaray, Ana de Souza, Iris Barbosa, Juliana Carvalho, Liliana Daduch, Lísya Gullo, Marcela Resende, Marina Ariano e Sabrina Pavlack, por todos os bons momentos, mas principalmente por sempre acreditarem em mim, muitas vezes mais do que eu mesma.

Os rumores na literatura contemporânea

Mas foi então, bem sei, que comecei a me deixar embalar pelo sentimento de semelhança: tudo podia ter misteriosas analogias com tudo.

Dos rosa-cruzes aos jesuítas, dos jesuítas aos *Protocolos dos Sábios de Sião* e, deles, ao Holocausto e à Hitler. Foi assim que os protagonistas de *O Pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco, reescreveram a história do mundo – relato que, segundo eles mesmos, “adquirira um perfil plausível, racional e límpido, porque fora favorecida com uma série de fatos, verdadeiros [...], como verdadeiro é Deus” (ECO, 2017, p. 517).

Leitores do romance sabem, no entanto, que os três protagonistas – Casaubon, Belbo e Diotallevi –, redatores de uma editora em Milão, começam o jogo das analogias ao mesmo tempo em que acabam se envolvendo em uma sofisticada conspiração que estaria em funcionamento desde o século XIV. Tudo começou a partir da interpretação de um documento histórico que foi parar nas mãos dos redatores através de um coronel interessado em publicar um livro sobre um plano de vingança dos cavaleiros templários. O documento, cópia de um suposto original medieval, parecia ser um poema com trechos incompletos e que, segundo a interpretação do coronel, narrava o plano de vingança dos cavaleiros, com datas precisas para a realização de cada uma de suas etapas.

Com a reforma gregoriana do calendário, em 1582, 10 dias foram abolidos do mês de outubro. Essa mudança, porém, valia apenas para o papa e nem todas as monarquias europeias a adotaram de imediato: a França, onde o suposto encontro dos templários deveria ocorrer, adotou a reforma em 1583, abolindo os dias 10 a 19 de dezembro; a Inglaterra, por sua vez, passou à reforma gregoriana em 1752. O plano dos templários, segundo Casaubon, Belbo e Diotallevi, se interrompeu precisamente em 1584, na passagem entre a Inglaterra e a França, pois, quando na França é 23 de junho de 1584 – a data marcada para o encontro –, para os ingleses ainda é 13 de junho (ECO, 2017, p. 421). Assim, os templários remanescentes, espalhados pela Europa, perderam sua orientação original, e o plano desaparece para sempre. Todavia, as lendas acerca do plano e do segredo que ele continha permanecem.

Casaubon e Belbo, sobretudo, desconsideram o relato do coronel e aparentam não dar muita atenção à sua história, mas, ao mesmo tempo, não a esquecem; pelo

contrário, certas ocasiões e situações que presenciaram remetem-nos imediatamente à história dos templários. À medida que a trama se desenrola, os personagens acabam envolvidos pela lenda dos cavaleiros e pela sedução do plano secreto, o que os leva a elaborar o seu próprio plano a partir de uma série de analogias estimuladas por sua erudição acadêmica. A princípio guiados por um sentimento de diversão fundamentado, de um lado, no gosto erudito por expectativas vinculadas à ‘História’ e, de outro, pela reação a questões pessoais de cada um, Casaubon, Belbo e Diotallevi se atrelam de tal forma ao ‘Plano’ por eles criado que, como reflete Casaubon, parece não haver mais diferença entre “habituar-se a fingir que se crê e habituar-se a crer” (ECO, 2017, p. 491).

Os três, então, mergulham de cabeça na criação do próprio Plano. Para isso, fazem extensa pesquisa historiográfica, frequentando bibliotecas e museus, e se envolvem intensamente com sua criação, que “se amoldava perfeitamente àquilo que deviam pensar os templários” (ECO, 2017, p. 513) – sempre cabe lembrar, acreditavam que sua lógica era a dos fatos, encontrando conexões a partir de uma cadeia de analogias entre os eventos da História, como coloca Diotallevi: “Estamos reconstruindo gradativamente a história do mundo. Estamos reescrevendo o Livro” (p. 427).

O resultado é um mergulho em um universo de seitas, lojas e conluios que não apenas os intrigam por causa das coincidências cronológicas, como também os envolve de forma que eles mesmos acabam confundindo suas próprias vidas com o Plano em diferentes graus – Casaubon, por exemplo, acreditava ser o menos envolvido, entre os três, graças ao seu contato diário com sua esposa Lia e seu filho Giulio, ao passo que Diotallevi chegou a atribuir ao Plano tamanha onipresença que este teria resultado no câncer que desenvolveu.¹

Tomando tal cenário como ponto de partida, este artigo tem o objetivo de descrever alguns aspectos do funcionamento dos rumores no romance por meio de um gráfico que contém trechos selecionados e organizados para, com isso, pensar as relações entre a criação de um rumor e as perspectiva de investigação histórica dos protagonistas, a partir da hipótese de que o modo de pesquisa empregado favorece a

¹ O personagem narra: “E que são as células? Durante meses como rabinos devotos pronunciamos com os nossos lábios diversas combinações das letras do Livro. GCC, CGC, GCG, CGG. Aquilo que nossos lábios diziam nossas células aprendiam. Que foi que fizeram minhas células? Inventaram um Plano diferente, e agora continuam por conta própria. As minhas células estão inventando uma história que não é a de todos. Elas agora aprenderam que se pode blasfemar anagramando o Livro e todos os livros do mundo” (ECO, 2017, p. 592).

proliferação de analogias descontroladas, as quais, por sua vez, reforçam a eficácia da conspiração. Não obstante, pretende-se considerar, também, outros elementos que contribuem para a criação e a difusão da conspiração, e que, portanto, também foram incluídos no gráfico, a exemplo das questões de ordem emocional e da posição intelectual que os personagens ocupam.

A princípio um jogo, o Plano se tornou uma válvula de escape para os três, que o usaram para preencher vazios diferentes: o destino de Diotallevi já sabemos, mas Belbo utilizou o Plano para enganar outro personagem, Agliè², que, de amigo, passou a rival na disputa pela atenção de Lorenza, seu interesse amoroso – o que Belbo não esperava, porém, é o preço dessa travessura contra seu adversário.

Não obstante, Casaubon sentia em seu filho, e, especialmente, em sua esposa, âncoras nas quais podia se apoiar quando precisasse retornar à realidade. E, não por acaso, é Lia quem desata a trama das analogias que sustentava o plano de vingança dos templários: o documento se tratava, na realidade, de uma lista de um comerciante, nada tendo a ver com a ordem dos cavaleiros. Casaubon se percebe jogado contra a parede, mas, ainda assim, reflete: “Lia tinha razão. Devíamos ter falado sobre isso antes. Mas não teria acreditado nela da mesma forma. Eu vivera a criação do Plano como o momento de Tiferet, o coração do corpo sefirótico, o acordo da regra com a liberdade” (ECO, 2017, p. 567).

Assim, mesmo quando confrontado com outra interpretação mais simples e mais plausível, como ele mesmo admite, Casaubon se percebe dividido entre o *páthos* e o *logos* da situação estabelecida pelo Plano, enraizados dentro de si mesmo; se, por um lado, ele reconhecia (a muito custo, é verdade) que o Plano se tratava somente de uma invenção, por outro ele parecia sentir uma necessidade em acreditar que a história dos templários realmente tivesse um fundo de verdade. E os motivos, como veremos adiante, oscilam da pretensão de rigor presente na pesquisa que ajudou a fazer até suas oscilações emocionais, influenciadas pelo desejo de conhecimento e pela sensação de poder que o Plano lhe proporcionava.

² Agliè, um homem culto, também italiano, que dizia ser o famoso Conde de São Germano, conheceu Casaubon no Brasil. De volta à Itália, passou a ajudar os três protagonistas em uma coleção que organizavam, estreitando as relações entre os quatro. Belbo, contudo, fica enciumado quando percebe que Lorenza, a mulher por quem é apaixonado, também é disputada por Agliè. Para se vingar, Belbo diz a Agliè que conhece o Segredo, o Mapa – embora, na verdade, não haja Segredo ou Mapa alguns.

Limites da interpretação e usos do passado

Lendas que envolvem os cavaleiros templários e sociedades secretas não são, evidentemente, exclusividade ou novidade do romance de Eco. O mesmo pode ser dito a respeito de conspirações, inclusive as que envolvem os cavaleiros. Nesse sentido, o que confere especial atenção ao *O Pêndulo de Foucault* são os usos que o romance faz dessas lendas, assim como o jogo com as conspirações, visível à medida que seus personagens criam uma. Dessa forma, o livro parece seguir uma espécie de “fórmula” quando os protagonistas inventam a conspiração, aderem a ela e a difundem, mesmo quando, no começo, julgavam que tudo fosse uma brincadeira.

Uma das questões que se coloca na leitura d’*O Pêndulo de Foucault* é, portanto, a do funcionamento do rumor, definido, *grosso modo*, como um fenômeno social em que uma “notícia” atrelada a um evento é compartilhada de modo não verificado (ALDRIN, p. 129-130)³. No livro, isso é observado com mais detalhes em três momentos: primeiro, quando os protagonistas têm contato com o suposto documento medieval que serviu de base para a invenção da conspiração; segundo, quando o rumor se introduz na vida deles de forma definitiva e deixa de ser uma invenção para se tornar *verdade*; e, por fim, quando a conspiração, já criada, é usada por Belbo como se fosse uma informação privilegiada, a fim de enganar Agliè.

Assim, o livro de Eco abre espaço para a discussão da criação e da difusão de um rumor a partir do questionamento sobre um certo clichê do que seja uma investigação histórica tal como executada por intelectuais – no livro, os protagonistas –, que, é claro, não se pautam por princípios disciplinares. Essa primeira seção, então, é dedicada ao debate teórico sobre o rumor e seu funcionamento no livro, a partir da discussão mais geral acerca do gênero literário no qual se insere *O Pêndulo de Foucault* e o pensamento do Umberto Eco acadêmico, inseparável de sua obra ficcional.

Nesse sentido, cabe iniciar a discussão colocando-se a interdisciplinaridade do campo de estudos do rumor, sendo este um conceito que não faz parte do estudo sistematizado de nenhuma área em particular, razão pela qual o enquadramento geral

³ Como veremos em detalhe adiante, essa definição é insuficiente para delimitar o *corpus* analisado, uma vez que, aqui, os, rumores, efeitos multiplicadores da conspiração, aparecem fundamentados por um juízo aparentemente racional e sistemático.

deste objeto de pesquisa se encontra em uma encruzilhada (ALDRIN, 2003, p. 127). Como objeto das ciências sociais, o fenômeno é considerado um ato social de difusão, de forma anônima e impessoal, de um boato (ALDRIN, 2003, p. 127). No campo da psicologia e da psiquiatria, o rumor é associado a pulsões coletivas; nesses casos, um corpo social projeta, sobre um grupo minoritário, por exemplo, um conjunto de expectativas confirmadas *a priori*.

Phillipe Aldrin (2003) explica que mesmo o conjunto dessas definições torna a análise da manifestação do rumor rasa, visto que ela não reflete a realidade sociológica ou etnológica do fenômeno, carecendo de elementos como a relação da crença dos atores sociais para difundir os boatos, bem como a intenção do agente social ao fazê-lo. Como o autor coloca: “a questão não é ‘por que um boato está se espalhando?’, mas sim ‘o que leva os atores sociais a utilizarem registros expressivos de boatos em detrimento de outras formas de trocas?’”⁴ (2003, p. 233). Como registrado alguns parágrafos atrás, essa ideia é explicitada no livro quando Belbo tenta enganar Agliè – e as razões dessa conduta são emocionais, na medida em que o gatilho é a disputa pela atenção de Lorenza. Não obstante, como veremos adiante, o *páthos* do complô guia vários dos comportamentos dos personagens, levando-os a difundirem a conspiração. Por outro lado, contudo, motivos racionais também participam desse movimento.

De forma geral, a literatura sobre rumores parece se centrar em duas vertentes: uma interessada na mensagem do rumor, analisando seu processo de distribuição e função social; e outra focada no significado e na intenção que os atores sociais dão ao rumor (ALDRIN, 2003, p. 127-128). Do rumor, deriva a teoria da conspiração – termo que surgiu em meados do século XX e que tem sua origem atribuída aos assassinatos políticos do período (ZIOLKOWSKI, 2013, p. 4) – e talvez por isso se justifique o caráter fortemente político do conteúdo dessas teorias da conspiração, caso dos *Protocolos dos Sábios de Sião* ou da *Nova Ordem Mundial*.⁵

Boltanski (2016, p. 12) chama atenção para os campos da psiquiatria e da ciência política, além da sociologia, no estudo das conspirações. Na psiquiatria, destaca-se o

⁴ “L’interrogation n’étant pas: Pour-quoi une rumeur se répand? Mais bien plutôt: qu’est-ce qui conduit les acteurs sociaux à utiliser les registres expressifs de la rumeur au détriment d’autres formes d’échanges?”

⁵ Aliás, ao longo do romance há a menção a uma série de grupos, secretos ou não, sendo que alguns gozam de fama na cultura popular de modo geral. São eles: os Cavaleiros Templários (protagonistas em *O Pêndulo de Foucault*), Rosacruz, Gnósticos, Maçons, Illuminati, Sábios de Sião, Assassinos, Cabalistas, Bogomilos, Cátaros, Jesuítas e os Paulicianos.

surgimento da paranoia como doença, no começo do século XX, cujo principal sintoma associava-se ao encadeamento intensivo de elementos vagamente estruturados ao redor de um assunto; em trabalhos de ciência política, aproveitou-se, entre outras possibilidades, a temática da paranoia deslocada do campo psíquico para o social, a fim de explicar acontecimentos desencadeados por ou intercalados a teorias da conspiração.

Um elemento que prevalece nesses estudos é a ideia de que a discussão sobre rumores e conspirações deve ser inscrita no interior de uma verdadeira economia informacional, que pode ter seu entendimento enriquecido e seus conceitos ampliados e revisados a partir do estudo do rumor do ponto de vista historiográfico, visto que há uma forte relação entre a investigação (ou a imaginação de uma investigação) histórica e a criação do rumor no romance. Pode-se contemplar, assim, a perspectiva de Aldrin, para quem “a atualidade do debate científico em questão encontra sentido e interesse apenas na perspectiva de que novas reflexões estendem, alteram e criticam propostas anteriores”⁶ (ALDRIN, 2003, p. 127).

É nesse sentido que proponho o estudo do rumor com apoio de uma reflexão teórica situada na historiografia, alterando alguns pressupostos do estudo do rumor em outros campos: embora seja comum encarar a ideia de “teoria da conspiração” como modelo explicativo de comportamentos sociais, sugiro fazer uso da categoria “teorias da conspiração” a partir dos índices de sua eficácia no jogo das alusões históricas fornecido em chave literária. Mais especificamente, recorro aos discursos literários contemporâneos porque propiciam, no caso a ser analisado, elementos para pensar como as conspirações têm rendimento mesmo quando confrontadas com as barreiras do ceticismo intelectual, como o uso de um suposto ‘método científico’ para o estudo do passado. Assim, este artigo propõe um exame do funcionamento literário do rumor com base em um estudo centrado no livro *O Pêndulo de Foucault*, romance que tem como característica importante o caráter arbitrário desse método “científico” – e que faz parte das perspectivas encontradas no enredo.

Publicado em 1988, o original italiano foi amplamente traduzido para várias línguas, incluindo o português. Seguindo o caminho de seu predecessor, *O Nome da Rosa* (1980), *O Pêndulo de Foucault* foi, também, um grande sucesso de vendas

⁶ “L’actualité du débat scientifique dont il est question ici ne trouve sens et intérêt que dans la perspective où les nouvelles réflexions prolongent, amendent et critiquent les propositions antérieures”.

(embora não tão grande quanto *O Nome da Rosa*), constituindo o fenômeno da “Ecomania” e inspirando histórias de outros autores ao redor do mundo.⁷

A escolha do romance não é, tampouco, aleatória: *O Pêndulo de Foucault* fornece subsídios suficientes para que entendamos mais o processo social de fabricação e disseminação de informações falsas com lastro pseudo-histórico a partir da repetição recorrente dessas informações, ao mesmo tempo em que se sugere que elas são notícias secretas (CAPOZZI, 2013, p. 7). Além disso, essas eram preocupações centrais da atividade intelectual de Eco como semiólogo e comunicador.⁸

O romance tem sido associado, também, a um gênero literário conhecido como *conspiracy fiction*. Ziolkoski (2013, p. 4) apresenta a *conspiracy fiction* como a contrapartida literária das teorias da conspiração. Dentro do gênero agrupam-se romances que vão desde conspirações políticas, passando pelas religiosas e indo até os romances policiais. Kirkpatrick (1995) distingue os romances de detetives, que enfatizam o caminho do raciocínio até a ameaça conspiratória, da *conspiracy fiction*, focada nas implicações da conspiração. Quanto a Eco, Kirkpatrick (1995) ainda explica que *O Nome da Rosa* enquadra-se como um romance detetivesco, visto que está preocupado com a interpretação de signos como pistas e as relações entre tais interpretações; *O Pêndulo de Foucault*, por sua vez, preocupa-se mais com os *limites da interpretação*, a saber, com o ato de levar as pistas de uma investigação longe demais, o que, como Kirkpatrick (1995) explica, Eco identificou, em livro homônimo, com o hermetismo e com o desconstrucionismo pós-moderno.

Nesse sentido, Kirkpatrick (1995, p. 175-176) ainda define o romance como uma sátira à tradição da interpretação paranoica, que, aos olhos de Eco, culmina em várias escolas de interpretação pós-modernas. Assim, *O Pêndulo de Foucault* seria tão

⁷ É clara, por exemplo, a influência que *O Pêndulo de Foucault* exerceu em vários livros do mesmo gênero, com destaque para *O Código da Vinci* (2003), de Dan Brown. Há um trecho em particular de *O Pêndulo de Foucault* que, em minha opinião, contém o enredo do romance de Brown: “Eis minha interpretação: Jesus não foi crucificado, e por isso os templários renegavam o crucifixo. A lenda de José de Arimatéia envolve uma verdade mais profunda: Jesus, e não o Graal, desembarca na França entre os cabalistas de Provença. Jesus é a metáfora do Rei do Mundo do fundador real da rosa-cruz. E com quem desembarca Jesus? Com sua mulher. Por que nos Evangelhos não se diz quem se casou em Caná? Simplesmente porque eram as bodas de Jesus, bodas de quem não se podia falar porque eram com uma pecadora pública, Maria Madalena. Eis por que então todos os iluminados, de Simão o Mago a Postel, vão procurar o princípio do eterno feminino num bordel. Portanto, Jesus é o fundador da estirpe real da França” (p. 397).

⁸ Cabe ressaltar a publicação de livros como “*Como se faz uma tese*” (1977) e *Confissões de um jovem romancista* (2018) e artigos tais qual “*Reading my readers*” (1992), que demonstram não apenas uma preocupação cuidadosa com trabalhos acadêmicos de forma geral, mas também o interesse que Eco tem nos trabalhos e artigos cujo objeto de pesquisa é sua própria obra.

excessivamente pós-moderno quanto aquilo que mimetiza, tornando-se, em suma, uma caricatura das “lições” do livro (1995, p. 175-176).

Ainda nessa esteira, *O Pêndulo de Foucault* se insere em um gênero de romances acadêmicos classificado por alguns autores de “*critifictional*” (BOUCHARD, 1995), que combina relatos ficcionais sobre a vida intelectual com polêmicas do campo da teoria literária (o desconstrucionismo, em particular), o que é corroborado pelos trabalhos de Kirkpatrick (1995) e Capozzi (2013). Bouchard (1995) propõe uma leitura “*critificcional*” de *O Pêndulo de Foucault*, já que os artigos críticos que Eco produziu nos anos 1980 dão suporte a essa análise, visto que Eco esclareceu suas discordâncias com as teorias desconstrucionistas em *Os limites da interpretação* (1990) e, mais tarde, em debates com Richard Rorty na obra *Interpretação e superinterpretação* (1992) (CAPOZZI, 2013, p. 12).

Não pretendo me aprofundar no gênero “*critifictional*” e nem na análise de Bouchard, Capozzi e Kirkpatrick sobre as críticas do romance, nem tampouco nas críticas do próprio Eco aos limites da interpretação e ao desconstrucionismo. No entanto, cabe ressaltar que, para além do debate acadêmico em torno da interpretação, o romance de Eco pode ser útil também ao historiador interessado na interpretação histórica e na própria escrita da história, abrindo portas para se pensar tal discussão no campo da teoria.

Contudo, ao fazer a pesquisa bibliográfica, notei que há uma escassez de trabalhos historiográficos acerca de *O Pêndulo de Foucault*, mesmo em língua inglesa. A maioria dos trabalhos são da crítica literária e tem se voltado para as análises que utilizam os conceitos de Eco sobre interpretação e superinterpretação e as chamadas “*overinterpretation*” e interpretação paranoica, discutidas por autores como Bouchard (1995), Kirkpatrick (1995), Bondanella (1997) e Capozzi (1997, 2013).

Parte das publicações são, também, dos anos 1990, o que acaba refletindo o auge da popularidade dos romances de Eco, bem como os últimos resquícios ainda inspiradores e capazes de inflamar debates ligados à famosa *geração teoria*.⁹ Esse tipo de perspectiva, portanto, parece ainda gerar reações na literatura, mas não nas

⁹ Para saber mais: <https://www.revistaserrote.com.br/2012/12/a-geracao-teoria-por-nicholas-dames/>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

humanidades, inclusive na historiografia, campo em que o assunto parece estar mitigado.

Talvez a razão disso seja uma longa trajetória, na historiografia, marcada pelo afastamento da disciplina das áreas da crítica literária e da filosofia e sua forte aproximação com os métodos de pesquisa utilizados majoritariamente pelas ciências sociais (LACAPRA, 1985, p. 117). Devido a isso, o romance se tornou “um pouco mais do que evidência ‘literária’ questionável”¹⁰ (LACAPRA, 1985, p. 117). Essa concepção foi flexibilizada por volta dos anos 1970, sobretudo a partir das publicações de Hayden White e Louis Mink. Entretanto, o debate originado a partir desses trabalhos tratava da distinção entre história e literatura – sendo esta entendida no horizonte mais geral da ficção –, a saber, as diferenças formais entre as duas áreas: “na visão da maioria dos historiadores, a história difere da literatura em sua aderência aos padrões de evidência que são bem diferentes dos padrões de avaliação que prevalecem na literatura” (MEGILL, 2016, p. 269).

Portanto, parte das discussões acadêmicas em torno da história e da literatura se concentraram majoritariamente em torno da literatura como documento e, não obstante, o estudo dos romances ainda se estrutura com certa frequência em moldes ‘positivos’, exemplificado pela ideia de imediata correspondência entre representação e ‘realidade’ – perspectiva, aliás, bastante distinta da aqui proposta, como veremos.

Dominick LaCapra, no entanto, considera que tanto o retorno parcial à narrativa quanto as concepções mais tradicionais de história como ciência empírico-analítica e como arte narrativa podem revelar, simultaneamente, as limitações de novos desenvolvimentos na história social em geral (LACAPRA, 1985, p. 118). Não obstante, o uso restrito dos romances como documentos que supostamente conferem acesso direto à dimensão social encontra sérios problemas, na visão do autor, visto que esse tipo de análise engendra uma narrativa histórica menos autocrítica e investigativa do que as próprias narrativas literárias que tenta explicar, tornando a literatura redundante ou puramente sugestiva (LACAPRA, 1985, p. 118).

O que quero aproveitar de LaCapra, neste trabalho, é justamente sua afirmação de que o uso historiográfico de obras literárias pode ir além de sua função documental; afinal, meu interesse é pensar a respeito de metodologias de pesquisa e o uso da história

¹⁰ “A little more than questionable ‘literary’ evidence”.

a partir do funcionamento dos rumores na literatura de Eco. Como exposto, isso se justifica na medida em que há uma preocupação acadêmica, por parte do autor do livro, em tratar sobre os usos da interpretação – atividade que também interessa aos historiadores, especialmente àqueles preocupados com os usos do passado feitos por intelectuais que não têm o mesmo cuidado e as mesmas intenções que os profissionais da área. Minha proposta não se escora nas relações com o passado que um texto pode proporcionar ao historiador, mas dialoga com esta ideia na medida em que minha intenção é justamente investigar as relações entre presente e passado a partir da construção dos rumores.

Para isso, minha análise do romance se divide em três partes: primeiramente, a reconstrução da arquitetura literária do livro, de modo a mostrar como os rumores vêm a exercer efeitos de conjunto, na economia do enredo, através de um dispositivo preparado por mim durante a pesquisa, a partir dos trabalhos de Franco Moretti, que chamei de *mapa da conspiração*; em segundo lugar, uma investigação acerca dos elementos emocionais e racionais que contribuíram para a adesão dos personagens à conspiração; segundo, uma reflexão acerca do rigor da pesquisa feita pelos protagonistas do romance, bem como seu método de pesquisa, a fim de entender as relações entre a racionalidade erudita de personagens de *ethos* acadêmico e o *pathos* da conspiração; por fim, busquei considerar o movimento pendular do romance, visível pelas oscilações do personagem Casaubon ao crer ou não crer no Plano dos templários no momento em que vê sua incredulidade científica confrontada com o desejo de acreditar no complô.

Linhas de uma conspiração

O mapa da conspiração é um dispositivo que permite analisar a construção do rumor e a adesão dos personagens à conspiração à medida que a história avança. Portanto, é um instrumento visual calcado no esforço de quantificação da obra e de reconstrução de elementos de sua arquitetura literária com a finalidade de mostrar como os rumores funcionam de modo cumulativo e estruturado. Como dito, a arquitetura do mapa foi inspirada nos trabalhos de Franco Moretti, que, em *O Atlas do Romance Europeu* (2003) e *Graphs, Maps and Trees – Abstracts Models for a Literary History* (2005), propôs modelos visuais para análises da história literária com o objetivo de

observar padrões que não poderiam ser tão facilmente encontrados apenas a partir da leitura dos romances:

[...] mapas não como metáforas, quero dizer, e menos ainda como ornamentos do discurso, mas como ferramentas analíticas: que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas (MORETTI, 2003, p. 13).

Em *Graphs, Maps and Trees*, Moretti propôs três formas visuais para a construção deste instrumento: gráficos, da história quantitativa, mapas, da geografia, e árvores, das teorias evolucionárias (MORETTI, 2005, p. 2), de forma a compor uma abordagem científica chamada por ele de *distant reading*, na qual o distanciamento não se enquadra como um obstáculo à análise, mas, sim, como uma forma específica de conhecimento.

Dessa forma, foi elaborado um gráfico à luz das observações de Moretti. Contudo, apesar de feito na forma de gráfico, este dispositivo pode ser considerado um mapa, na medida em que ajuda a visualizar quais foram os elementos necessários e os momentos vividos pelos personagens que contribuíram de forma significativa para sua adesão à conspiração. A partir disso, o gráfico busca demonstrar duas coisas: o nível de adesão dos personagens e como essa adesão foi disposta no romance. Portanto, não se trata de um mapa geográfico, mas de um mapeamento da forma da adesão. Assim, espera-se que o gráfico traga “à luz a lógica *interna* da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza” (MORETTI, 2003, p. 15).

Cabe retomar que a discussão deste artigo vem nas antípodas da ideia de pronta correspondência entre representação e realidade; portanto, *O Pêndulo de Foucault* não é aqui utilizado como exemplo de situações específicas de ordem historiográfica, mas sim para compor um debate acerca de um assunto geral, a saber, o método de pesquisa mobilizado pelos protagonistas no curso de sua análise da história.

Dessa maneira, o gráfico coloca de forma visual a trajetória dos personagens no romance, de modo que quem o observa percebe, primeiro, a evolução da adesão dos personagens, bem como sua disposição ao longo do enredo; segundo, uma forma, um padrão, que possivelmente serve ao propósito de observar se essa adesão segue uma ordem já esperada no âmbito das fórmulas típicas da *conspiracy fiction*.¹¹ Moretti

¹¹ Embora essa seja uma questão pertinente, este trabalho, por ter como objeto apenas uma obra do gênero, não é suficiente para respondê-la; por isso, levanto apenas a possibilidade.

adverte que o mapa, por si só, não explica tudo, mas oferece um modelo que reorganiza os componentes do universo narrativo de maneira mais complexa, cujo objetivo é trazer alguns padrões aparentemente escondidos para a superfície (2005, p. 53-54). O gráfico funciona, portanto, como um instrumento para extrair possíveis questões a serem tratadas por trabalhos que utilizam esse tipo de ferramenta, questões essas “colocadas para a forma do romance e suas relações internas: isso é o que os meus mapas tentam fazer” (MORETTI, 2003, p. 14).

A elaboração do gráfico se deu a partir da seleção de 140 trechos de *O Pêndulo de Foucault*, considerando como critério de escolha¹² momentos em que os personagens fazem alusão à criação da conspiração. Assim, os momentos de incredulidade foram também incluídos porque, além de serem importantes para a compreensão da trajetória da conspiração ao longo do enredo, nos ajudam a entender o lugar de onde Casaubon, sobretudo, vem: a academia, e, com ela, sua posição de ceticismo intelectual, confrontada com a irracionalidade.

Da mesma forma, isso ocorre com Belbo e Diotallevi que, funcionários de uma editora, viviam em constante contato com autores e livros acadêmicos. Diotallevi, por suas inclinações religiosas, bastante pronunciadas, parece não se encontrar no mesmo espectro de incredulidade, ao contrário de Belbo, que, especialmente quando conheceu Casaubon, na parte 3, confessou: “Trabalho numa editora e numa editora aparecem sábios e loucos. É função do redator reconhecer os loucos à primeira vista. Quando alguém aparece com algo como os templários, é quase sempre um louco” (ECO, 2017, p. 76). Portanto, considerar a incredulidade como um nível de adesão ao complô é um fator que contribui para a compreensão do rendimento da conspiração, sobretudo ao considerar que a incredulidade foi o princípio dos posteriores níveis de adesão.

Por outro lado, os demais trechos também foram selecionados seguindo o fio condutor da conspiração. Dessa forma, a incredulidade é sucedida pelos momentos em que os personagens começam a sentir que os eventos e personagens da história parecem estar conectados; a estes, por sua vez, seguem as oscilações entre a crença e a descrença, racionalidade e irracionalidade, até que, por fim, constam os trechos em que o complô é tido por verdadeiro.

¹² Para essa seleção, o livro foi lido três vezes: na primeira, foi feito o reconhecimento da história; na segunda, a seleção dos trechos; e, por fim, na terceira, a leitura foi para observar se nenhum trecho que pudesse ser importante foi esquecido ou passou despercebido.

Os 140 trechos, portanto, foram divididos em 4 níveis, identificados mediante chaves expressivas da condição da adesão: nível 0 – ‘incredulidade dos personagens’; nível 1 – ‘*tout se tient*’¹³; nível 2 – ‘oscilações entre crer e não crer’; e nível 3 – ‘o complô é real’. Apesar de nomear essas divisões “níveis”, chamo atenção para o detalhe de que não são níveis progressivos; ao contrário, funcionam muito mais como um diagrama, um esquema de árvore, cuja origem é o nível 0 e os outros níveis de crença surgem a partir dele, em caráter não necessariamente evolutivo. Há outras variáveis relevantes para a construção da conspiração e que se relacionam à psicologia dos personagens, ao nível de envolvimento da conspiração individual, e até mesmo o tempo do enredo em relação ao tempo de desenvolvimento da conspiração, mas, para os fins deste artigo, a divisão segundo a adesão dos protagonistas à conspiração seguindo os momentos tal como dispostos no enredo é suficiente.

Dessa forma, a proposta de elaborar um mapeamento da adesão à conspiração em *O Pêndulo de Foucault* acarreta um princípio de ordem metodológica: as questões extraídas a partir do mapeamento derivam-se umas das outras, de modo a conferir sentido mais forte à ideia de *economia*. Trata-se, dessa maneira, de um caleidoscópio pensado para revelar um modo de funcionamento argumentativo e poético; com ele, torna-se possível lançar luz sobre a hipótese deste artigo, a saber, a ideia de que o mecanismo de reforço da conspiração se extrai da apresentação de evidências cumulativas na ordem da História.

Meu gráfico/mapa segue o fluxo dos acontecimentos da mesma maneira que estes se encontram dispostos no enredo. Ou seja, todos os trechos seguem a ordem das páginas, capítulos e partes ordenadas no livro, da forma que Eco escolheu. Este é um princípio basilar, pois, como também foi possível indicar, Eco refletiu profundamente sobre a estrutura do livro como vetor da conspiração.

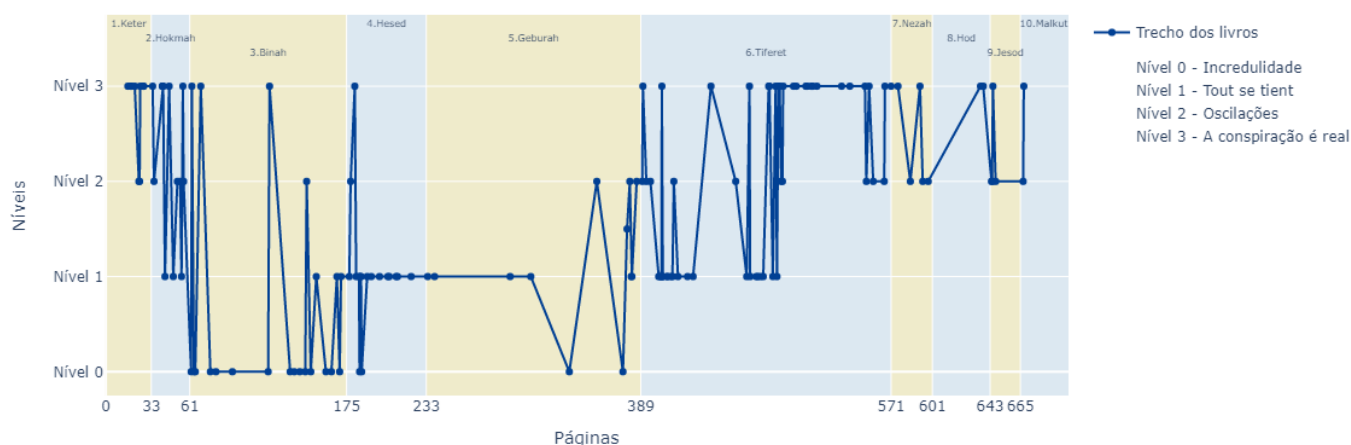
A única divisão que não se encontra no gráfico é a dos capítulos, e isso porque considere que a divisão por partes pode ser mais proveitosa para esta análise por uma razão visual, já que é mais simples perceber os padrões se desenvolvendo ao longo de 10 partes, ao invés dos 120 capítulos, além de que não são todos os capítulos que têm trechos selecionados. Não obstante, cada parte do romance é centrada em momentos

¹³ “*Tout se tient*”, em português, “tudo se encaixa”. Preferi manter a expressão em francês pois, em um determinado momento da história, Casaubon usa a expressão: “Folheando o índice do livro sobre os rosacruzes, encontrei uma referência ao conde de São Germano. Vejam só, disse comigo, *tout se tient*” (p. 193).

específicos da história, como na parte 3, que tem como evento central o primeiro contato entre Casaubon, Belbo e Diotallevi; ou a parte 4, voltada para os anos que Casaubon passa no Brasil, e assim por diante.

O gráfico se divide em dois eixos: vertical – os níveis de adesão ao plano – e horizontal – número de páginas do livro. Passando por trás dos eixos, como uma marca d'água, e acompanhando a linha dos níveis e o número de páginas, encontra-se a divisão por partes, de forma que é possível observar a correlação hierárquica entre os critérios de análise e os momentos preponderantes dos níveis no livro. No arquivo HTML¹⁴, é possível usar a ferramenta de *zoom* para observar cada parte com mais detalhes, uma vez que, no total, há 140 trechos e 668 páginas, e acessar, de forma interativa, cada trecho, apenas passando o mouse por cima dos indicadores. Este gráfico, portanto, compõe um padrão visual da conspiração dentro do romance.

Gráfico de Conspiração



Foi a partir do gráfico assim formulado que as duas questões tratadas neste artigo foram selecionadas: em primeiro lugar, quais são os elementos de que Eco lança mão para criar a adesão de seus personagens à conspiração e, em segundo lugar, como a adesão e a própria criação do rumor foram possíveis a partir da mobilização estruturada do passado, fundamentada, por sua vez, em uma certa noção de rigor acadêmico.

¹⁴ Este arquivo foi disponibilizado apenas para a banca examinadora, visto que não é possível compartilhá-lo de outra forma. Não obstante, ao final do artigo encontra-se um anexo com todos os trechos e seus respectivos níveis para que os demais leitores possam ter acesso à seleção.

Hermenêutica *versus* Hermetismo

Esta seção trata da primeira questão. Para isto, retomo brevemente, de um lado, o aspecto psicologizante das teorias dos rumores, pensando em sua utilidade para uma melhor compreensão a respeito dos elementos emocionais que contribuíram para a adesão à conspiração. De outro lado, retomo os trabalhos da crítica literária sobre a obra de Eco, para os quais a interpretação tem um papel de destaque tanto na criação do rumor quanto na adesão dos personagens à conspiração, sendo a interpretação, também, centro de uma preocupação acadêmica do autor.

Um dos trabalhos clássicos sobre o rumor é o livro *The Psychology of Rumor* (1948) de Gordon Allport e Leo Postman. Segundo Aldrin (2003, p. 126), a obra é considerada fundadora dos estudos dos rumores pela tradição sociológica. Em seu prefácio, os autores propõem o conceito operacional de rumor e uma explicação de como e por que os rumores se difundem socialmente. De acordo com eles, os boatos são profundamente intencionais, servindo a fins emocionais (ALLPORT; POSTMAN, 1948, p. vii); a principal implicação encontrada em qualquer boato é a de que alguma informação verdadeira está sendo comunicada (ALLPORT; POSTMAN, 1948, p. ix) e que os tempos mais propícios para o florescimento e difusão de rumores são tempos de crise ou de guerras (ALLPORT; POSTMAN, 1948, p. vii).

No bojo dessas características, destaco as duas primeiras como mais importantes, visto que são pontos cruciais para que ocorra a adesão dos personagens ao Plano, uma vez que este se emaranha a partir das circunstâncias emocionais dos protagonistas. Quanto ao último ponto, penso ser o menos importante para o estudo dos rumores no romance, pois, apesar de a Itália dos anos 1980 – espaço e tempo da história criada por Eco – ter sido palco de instabilidade política nesta época com os anos conhecidos como “anos de chumbo”¹⁵, esse momento da história italiana não pareceu ter sido um fator importante para a difusão da conspiração, e nem tampouco para o desenvolvimento do enredo¹⁶, que não evoca elementos de instabilidade política.

¹⁵ Período de turbulência sociopolítica na Itália, marcado pelo surgimento de grupos radicais e uma onda de atentados terroristas.

¹⁶ Contudo, cabe destacar que parte da literatura sobre conspirações sugere que os italianos vivenciaram, entre as décadas de 1970 e 1980, um comportamento generalizado de *dietrologia*. Trata-se, essencialmente, de uma síndrome que gera os sentimentos de suspeita e paranoia quanto ao que se

No entanto, cabe uma reflexão acerca da existência de um passado mais imediato, relativamente presente tanto nos anos 1980 quanto nos anos atuais: o fascismo, que permeia toda a trajetória de Belbo. Alguns capítulos do romance se dedicam ao passado do personagem durante a Segunda Guerra Mundial quando ainda era criança (em tonalidades autobiográficas, como se depreende de Eco em seu livro *Confissões de um jovem romancista*, no qual explica que algumas histórias da infância de Belbo – em especial, uma dedicada a um momento em que desejou tocar trompete – são inspiradas em si mesmo¹⁷ e na memória de seus tios¹⁸, e seus *files*, lidos por Casaubon ao longo da história, se centram nos eventos vividos por ele na infância, que compõem parte do arsenal emocional que contribuiu para sua adesão ao Plano.

Allport e Postman também chamam atenção para duas condições básicas do rumor que podem ser aproveitadas neste estudo:

[...] primeiro, o tema da história deve ter alguma *importância* para o falante e para o ouvinte; segundo, os fatos verdadeiros devem estar envolvidos em algum tipo de ambiguidade. Essa ambiguidade, como já dissemos, pode ser induzida pela ausência de rascunho das notícias, pela natureza conflitante das notícias, pela desconfiança nas notícias ou por algumas tensões emocionais que tornam o indivíduo incapaz ou relutante em aceitar os fatos apresentados nas notícias (ALLPORT; POSTMAN, 1948, p. 33)¹⁹.

Os dois pontos destacados pelos autores são perceptíveis em *O Pêndulo de Foucault*; um deles, por exemplo, na figura do narrador Casaubon, um estudioso dos cavaleiros templários, um acadêmico que dedicou parte de sua vida ao estudo da ordem. Quanto à ambiguidade, pode-se tomar como exemplo o documento que originou a conspiração: com trechos incompletos, o texto transitou entre ser um plano de vingança e uma simples lista de um comerciante.

passava nos bastidores de eventos como assassinatos terroristas, suicídios, sequestros e escândalos envolvendo magnatas, políticos e o Banco do Vaticano (CAPOZZI, 2013, p. 6-7).

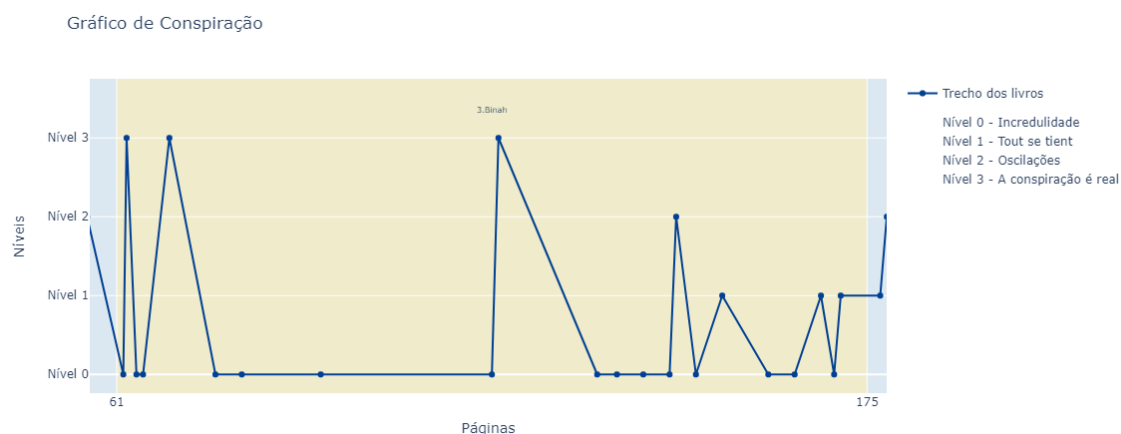
¹⁷ “Haveria algo mais verdadeiramente meu sobre o qual eu pudesse escrever? Duas imagens me vieram à mente. A primeira foi o pêndulo de Léon Foucault, que eu vira trinta anos antes em Paris e me causa enorme impacto – outra emoção há muito soterrada nas profundezas de minha alma. A segunda imagem foi uma de mim mesmo tocando trompete no enterro de integrantes da Resistência italiana. [...] Assim, decidi contar uma história começando com o pêndulo e acabando com um pequeno trompetista num cemitério numa manhã ensolarada” (ECO, 2018, p. 17).

¹⁸ “Bem, no meu livro eu conto alguns episódios envolvendo um certo Tio Charles e uma certa Tia Catherine, que na história são os tios do protagonista, Jacopo Belbo. É verdade que essas pessoas de fato existiram. Com algumas alterações, eu estava contando uma história da minha infância envolvendo um casal de tios meus – mas é claro que eles tinham nomes diferentes dos personagens” (ECO, 2018, p. 33).

¹⁹ “First, the theme of the story must have some *importance* to speaker and listener; second, the true facts must be shrouded in some kind of *ambiguity*. This ambiguity, as we have said, may be induced by the absence of sketchiness of news, by the conflicting nature of the news, by distrust of the news, or by some emotional tensions that make the individual unable or unwilling to accept the facts set forth in the news”.

Assim, parece ser possível afirmar que a importância do conteúdo do rumor caminha lado a lado com o aspecto emocional de se acreditar em um boato e difundi-lo. No caso dos protagonistas do romance, pode-se notar, a partir do gráfico, na parte 3, *Binah*, que os momentos de incredulidade são os mais curtos ao longo da história, concentrando-se, apenas, nas lembranças de Casaubon de seus últimos anos universitários, quando ainda dizia ser cético, mesma época em que conheceu Belbo e Diotallevi e, por conseguinte, teve seu primeiro contato com o documento do suposto plano dos templários.

Além disso, é perceptível, no gráfico, a oscilação desta parte: a maioria dos trechos são do nível zero, porém há picos que sobem diretamente para o nível 3, apenas para retornar à base logo em seguida. A explicação para isso é o tempo do enredo: narrado por Casaubon, a parte 3 consiste em suas lembranças, e os momentos que sobem para o último nível são seus pensamentos no tempo presente.



Por outro lado, as oscilações entre crer ou não crer no plano são constantes em todas as partes – e quase homogêneas com relação à quantidade de trechos por partes, vale notar –, assim como a crença total de que o plano é real, que não pode ser identificada apenas na parte 5. Essas não são informações que deveriam surpreender o leitor do romance, visto que os acontecimentos da história nem sempre se passam em ordem cronológica, indo e voltando segundo as lembranças de Casaubon. A visualização desse padrão, mostra, porém, que, ao longo de todo o romance, os personagens – sobretudo Casaubon – se viram divididos entre a razão e a emoção no que concerne à crença no plano.

Aqui, retorno à discussão sobre a psicologia dos personagens com uma observação: os personagens não se esgotam em arquétipos. Não representam, portanto, tipos fixos, como o acadêmico completamente incrédulo ou o paranoico delirante. Pelo contrário, eles oscilam o livro inteiro, ora crendo no plano, ora recusando-o, e transitam entre vários estados interiores e eventos que deflagram mudanças de posição. Contudo, a profundidade de suas personalidades se desenvolve de modo desigual; embora alguns momentos da história sejam dedicados ao passado e aos dramas de cada um, o registro geral ampara-se mais no enredo. Apesar disso, a história nos dá subsídios suficientes para considerar que o que nos foi apresentado acerca da história individual de cada um seja o bastante para fornecer elementos emocionais suficientes que justifiquem sua adesão ao Plano.

Kirkpatrick nos lembra que, ao longo do romance, dois personagens, Belbo e Agliè, tornam-se adversários que disputam o afeto de Lorenza, mas, em um sentido mais profundo, ambos acabam representando as duas faces da ironia: erudição e cinismo, e, assim, nenhum dos dois estabelece uma defesa contra a conspiração (1995, p. 177). Os outros dois protagonistas, Casaubon e Diotallevi, ao contrário, têm suas defesas contra a conspiração: em Casaubon, o amor ao aprendizado, e, em Diotallevi, a religiosidade – mas, para cada um, “a conspiração encontra uma maneira de se formar um cavalo de Tróia e ser levada para dentro de suas defesas”²⁰ (1995, p. 178).

No gráfico, a abertura para conspiração é observada também com a oscilação. Ao desenvolverem o Plano, a incredulidade, ou, metaforicamente, o *logos* dos personagens, perde todo seu espaço para a conspiração e seu *páthos*, justificando o movimento de transição exagerada entre os níveis 1, 2 e 3 e, no final do livro, apenas entre os níveis 2 e 3.

Isso se mostra quando Belbo e Casaubon, mais explorados do que Diotallevi, sentem que perderam a oportunidade de participar de momentos da História que foram importantes para suas gerações. Belbo, ainda na esteira das lembranças de sua infância durante a Segunda Guerra Mundial, era muito jovem para ser membro da Resistência, perdendo a chance de mostrar heroísmo e bravura; Casaubon, por sua vez, não pôde participar dos movimentos estudantis de 1968. Como afirma o próprio personagem: “Fazer um curso universitário depois de 68 é o mesmo que ser admitido na Academia de

²⁰ “The conspiracy finds a way to form itself as a Trojan horse and be taken inside their defenses”

Saint-Cyr aos 93. Tem-se a impressão de haver-se enganado com o ano do nascimento” (ECO, 2017, p. 61).

Casaubon também tem suas reflexões sobre Belbo:

Creio que ao elaborar o sonho, Belbo tenha, mais uma vez, voltado ao pensamento da oportunidade perdida, e ao seu voto de renúncia por não ter sabido aproveitar, se é que houve alguma vez, o Momento. O Plano teve início porque ele havia se resignado a construir para si momentos fictícios (ECO, 2017, p. 393).

Kirkpatrick explica que, frente a essas perdas, “ambos percebem que o Plano, que prospera ao explicar os compromissos perdidos dos Templários, estranhamente satisfaz seus desejos de não terem perdido coisas”²¹ (1995, p. 181).

Esses fatores são evidentemente criados por Eco para justificar a tentação de Casaubon e Belbo em acreditar na brincadeira inventada por eles mesmos. Casaubon, inclusive, faz uma reflexão acerca disso em determinado momento da história: “Diotallevi aderiu ao jogo porque para ele era oração. Quanto a Jacopo Belbo, acreditava divertir-se tanto quanto eu. Só agora compreendo que não extraía daquilo um verdadeiro prazer. Participava dele como alguém que rói as unhas” (ECO, 2017, p. 390).

Os pesquisadores que empreenderam trabalhos acerca de *O Pêndulo de Foucault*, majoritariamente vinculados à crítica literária, associaram a adesão ao plano à interpretação sem limites. Desse ponto de vista, a psicologia dos personagens não é mais protagonista, sendo essa um instrumento utilizado por Eco não apenas para dar dimensão aos personagens, mas para construir, na literatura, sua crítica ao desconstrucionismo, vagamente por ele associado a uma compreensão genérica de um hermetismo “renascentista” (KIRKPATRICK, 1995).

O pensamento hermético assim disposto estaria baseado em uma cadeia de analogias que conectam o micro e macrocosmo. As associações que podem ser criadas entre o mundo natural, mundo sublunar e mundo espiritual são tantas que o processo se torna sem fim, levando o leitor a ler por trás de cada aspecto da realidade um significado mais profundo que, por sua vez, o lembra de outra coisa, em um processo ilimitado (LONGONI, 1997, p. 211 e 212). Dessa forma, o “texto do mundo” se torna objeto de uma leitura sem fim, “no esforço da busca por um segredo ali implícito: as palavras ocultam significados ocultos, que se associam aos primeiros signos em um

²¹ “Both find that the Plan, which thrives by explaining the missed appointments of the Templars, weirdly satisfies this yearning not to have missed things”

processo sem fim; qualquer coisa pode se referir a qualquer coisa” (LONGONI, 1997, p. 211 e 212).

Eco joga com as cadeias de analogias em *O Pêndulo de Foucault* (este, nesse sentido, talvez faça eco satiricamente ao célebre capítulo sobre a “prosa do mundo” de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault) quando seus personagens começam a criar associações infinitas entre as situações que vivenciam, mas também entre os eventos históricos. No gráfico, isso pode ser evidenciado a partir dos trechos de nível 1. Todas as passagens selecionadas desse nível encontram-se entre as partes 2 a 6, com maior concentração na parte 6 – por sinal, a parte em que o Plano é inventado pelos protagonistas – e o que todas expressam em comum, a saber, o sentimento de que tudo está conectado, o que se mistura fortemente com as oscilações entre crer ou não crer no plano. Justamente por isso chamei essa categoria de *tout se tient*, pois, além de uma brincadeira com a expressão usada por Casaubon no romance, são os momentos em que ele começa a perceber que tudo pode estar conectado a partir de semelhanças, como mostra o seguinte trecho:

Sabe que sempre desconfiei das analogias. Pois agora me encontro numa festa de analogias, numa Coney Island, um Primeiro de Maio em Moscou, num Ano Santo de analogias, e percebo que algumas são melhores que as outras e me pergunto se na verdade não deve haver uma razão (ECO, 2017, p. 382).

As analogias tornam-se, assim, uma obsessão para os personagens:

Havia me tornado imbatível na cadeia das associações. Bastava partir de um ponto qualquer. Escócia, Highlands, ritos druídicos, noite de São João, solstício de verão, fogos de São João, Ramo de ouro... Eis uma pista, embora frágil. Lera algo sobre os fogos de São João no *Ramo de Ouro* de Frazer (ECO, 2017, p. 405).

Aqui, gostaria de chamar atenção para um detalhe. Capozzi (2013, p. 4) nos lembra que, desde *O Nome da Rosa*, Eco construiu mundos engenhosos, ricos em detalhes históricos, filosóficos e teológicos e investigações semióticas com dois tipos de leitores em mente: um erudito, mais familiarizado com metaficção, semiótica, teorias literárias e arcabouços históricos, e outro, mais acostumado com diferentes elementos da cultura popular, como quadrinhos, música, filmes e programas de TV. Os dois tipos de leitores não são excludentes, transitando entre o ‘hermetismo’ de saberes eruditos, aparentemente fechados, e uma ‘hermenêutica’ aparentemente disponível a todos, e o que me chama atenção é que essa característica do texto literário de Eco é muito evidente nos jogos que o autor faz com os usos da interpretação.

Um leitor do segundo tipo se delicia com as associações que Casaubon, Belbo e Diotallevi inventam, visto que elas cumprem muito bem seu papel tanto dentro da história quanto no que diz respeito ao entretenimento do leitor, já que os personagens evocam mitos ‘históricos’ presentes no imaginário popular. Mas o leitor do primeiro tipo, com certa erudição, talvez se delicie ainda mais ao notar que o jogo de associações dos personagens consiste em um jogo com o pensamento hermético e, conseqüentemente, de uma crítica ao pós-modernismo (alguns autores, como Lois Zamora, dizem, talvez sem depreender o teor autorreferencial e satírico implicado nestas associações, que *O Nome da Rosa* é o romance moderno de Eco, enquanto *O Pêndulo de Foucault*, o pós-moderno). O leitor do primeiro tipo certamente também acharia as escolhas de nome dos personagens muito engenhosas, já que Eco também faz esse jogo: Casaubon é, afinal, um convite a pensar em Isaac Casaubon, que, em 1614, provou que os textos herméticos eram falsamente atribuídos a Hermes Trimegisto (YATES, 1964 apud ZAMORA, 1997, p. 333).

Por sinal, os estudos sobre *O Pêndulo de Foucault* apontam para os jogos com a interpretação como o principal motivo para a adesão dos personagens ao Plano. Nesse sentido, Casaubon, Belbo e Diotallevi aderem à conspiração principalmente por causa da interpretação ilimitada e, em menor grau, por conta de seus dramas individuais, que agiriam como uma espécie de pré-disposição criada pelo autor como subtexto da interpretação sem limites dos protagonistas. Lois Zamora, por exemplo, lembra que, como seu antecessor, *O Pêndulo de Foucault* é um romance em que tanto o conteúdo quanto a forma abordam o problema da interpretação, decifração e detecção e que, em ambas as obras, a principal condição da narrativa e da estrutura, bem como o tema principal, é o delírio hermenêutico (1997, p. 328).

A estrutura, por exemplo, segue o tom conspiratório contido no romance: o frontispício do livro é um desenho da Árvore da Vida, descrita no Livro da Formação da Cabala judaica, e cada uma das seções do romance é intitulada por uma das dez Sefirot da Árvore da Vida, emanações eternas da divindade. A epígrafe do primeiro capítulo, em hebraico em todas as edições do livro, é, na verdade, uma citação de um cabalista do século XVI chamado Isaac Luria. Não obstante, Zamora ainda explica que as interpretações cabalísticas, que influenciaram o misticismo cristão, assim como o judaico, se baseiam na crença de que “As escrituras contêm mistérios divinos profundamente ocultos e que cada palavra, letra, número e até mesmo acento da escrita

sagrada tem um significado oculto”²² (ZAMORA, 1997, p. 332). Embora, de certa forma, esse assunto tenha papel relevante na forma e no enredo do romance, a cabala serve a este trabalho mais como um exemplo do jogo de referências elaborado por Eco²³ do que um ponto a ser profundamente elaborado.

Assim, ainda na esteira do jogo da hermenêutica, Artigiani, outro estudioso da obra de Eco, também explica a adesão ao Plano através da interpretação, afirmando que a “armadilha linguística” foi acionada pelos protagonistas no momento em que começam a falar a linguagem da conspiração. Dessa forma, Casaubon, Belbo e Diotallevi não conseguiriam escapar da “autoreferencialidade” das palavras para retomar o contato com a realidade (1992, p. 858).

Casaubon, na verdade, tem essa percepção após um certo tempo, quando constata que, após os três caírem na teia da conspiração e das conexões sem fim, parecia não haver mais uma saída para a realidade: “Eu me habituava, Diotallevi se corrompia, Belbo se convertia. Mas todos estávamos lentamente perdendo aquela luz intelectual que nos faz sempre distinguir o similar do idêntico, a metáfora da coisa em si” (ECO, 2017, p. 492).

O Pêndulo de Casaubon

Em contrapartida à interpretação ilimitada, há um símbolo central, que dá título à história: o pêndulo desenhado por Jean Bernard Leon Foucault para demonstrar a rotação da terra, signo de um *logos* centralizador (ZAMORA, 1997, p. 331). No romance, ele tem o papel, substancial, de indicar o preciso ponto do mapa onde se encontra o *umbilicus telluris*, o centro do mundo, fontes secretas de energia que afetariam o movimento geofísico do planeta, segundo a interpretação do coronel que levou o documento com o suposto plano para os protagonistas.

O coronel prossegue a história explicando que, a partir de uma válvula especial, quem soubesse a localização do *umbilicus telluris* poderia controlar as correntes energéticas, interferindo e influenciando qualquer ponto da Terra, inclusive com possibilidade de chantagear nações inteiras. Segundo o Plano, os templários teriam

²² “Scriptures contain deeply hidden divine mysteries, and that every word, letter, number, and even accent of the sacred writing has occult meaning”.

²³ “Foi uma restrição decidir que, em sintonia com as obsessões ocultas de alguns dos meus personagens, *O Pêndulo de Foucault* precisava ter exatamente 120 capítulos, e que a história tinha de ser dividida em dez partes, como as Sefirot da Cabala” (ECO, 2018, p. 21).

descoberto a localização do *umbilicus telluris*, mas foram incapazes de utilizá-lo, pois não possuíam tecnologia para isso. Dessa forma, elaboraram um mapa que continha essa localização, que se perdeu juntamente com os cavaleiros da ordem.

Casaubon, Belbo e Diotallevi vão além da história do coronel, criando outros detalhes em complemento a sua interpretação. Com a ajuda de Abulafia, computador de Belbo que randomiza informações, eles decidem que um mapa específico e o pêndulo de Foucault, instrumento localizado no *Conservatoire de Arts et Métiers* em Paris, são os instrumentos cruciais para encontrar a localização exata do mapa.²⁴ Não obstante, acreditam que as evidências que encontraram para justificar a existência do Plano e dos instrumentos são “irrefutáveis” (ECO, 2017, p. 482).

Nesta seção, pretendo tratar de dois temas: em primeiro lugar, o lugar metafórico do movimento de oscilação do pêndulo, objeto que não apenas é ponto central no romance, mas que também confere uma característica do gráfico e de Casaubon, ao oscilar na crença no Plano, ora duvidando de sua própria sanidade, ora tendo certeza de que a conspiração é real, como aparece no trecho: “Eu devia ir-me embora, ir embora, era tudo uma loucura, estava caindo no jogo que fizera Jacopo Belbo perder o juízo, também eu, o homem incrédulo...” (ECO, 2017, p. 24); em segundo lugar, o rigor da pesquisa feito pelos personagens para chegarem às tais “evidências irrefutáveis”, considerando o método de pesquisa e, propriamente, alguns usos do passado na criação da conspiração.

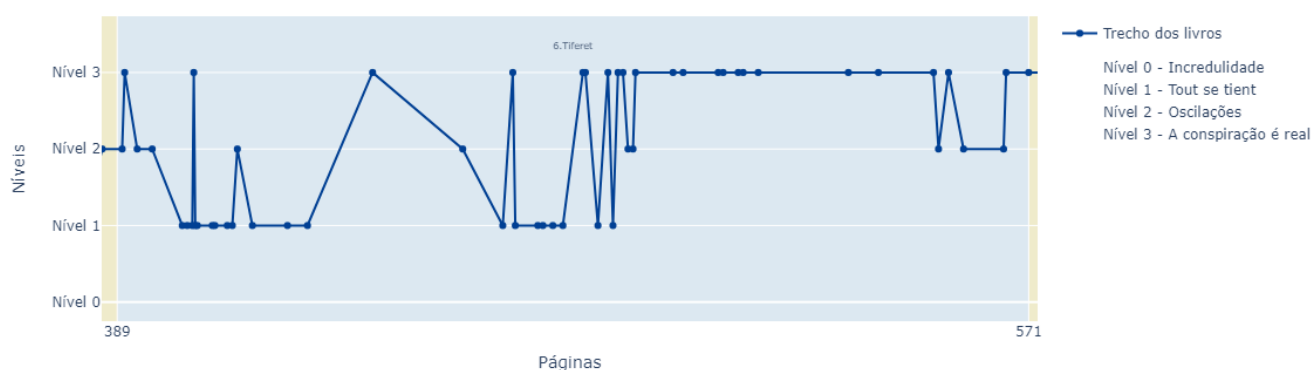
Os momentos de oscilação estão presentes em todas as partes do romance, de duas formas: uma delas, no nível cujos trechos selecionados são dedicados às oscilações dos personagens; a outra, no gráfico como um todo, seguindo o movimento pendular dentro do livro. Aliás, as oscilações podem ser percebidas no romance inteiro, sobretudo entre os níveis 2 e 3²⁵ – o que é curioso, já que se trata justamente dos níveis da oscilação e da crença absoluta no plano.

²⁴ “No coro de Saint-Martin há uma janela com uma greta no ponto em que dois vidros coloridos ou foscos foram juntados um ao outro pela massa de chumbo. Foi calculada minuciosamente, e com toda a probabilidade há 600 anos que alguém se dá ao trabalho de mantê-la em forma. Ao nascer do Sol de determinado dia do ano...’ ‘...que não pode ser outro senão o dia 24 de junho, dia de São João, festa do Solstício de verão...’ ‘...isso, naquele dia e naquela hora, o primeiro raio de Sol que penetra pela janela bate no Pêndulo e ali onde o Pêndulo está no momento em que for atingido pelo raio de Sol, naquele preciso ponto do mapa é que estará o Umbilicus!’” (ECO, 2017, p. 478)

²⁵ Cabe uma nota acerca do movimento circular do livro. O romance começa pelo final, regride ao passado de Casaubon para explicar os acontecimentos (e é por isso que o nível 0 é percebido apenas entre as partes 3 e 5), e retorna para o tempo presente – quando o romance começa. Assim, cabe ressaltar que as oscilações entre os níveis 1, 2 e 3 das duas primeiras partes ocorre porque o romance começa a partir do final da história.

A parte 6 merece destaque nesse sentido, já que é nela em que prevalecem os momentos de oscilação, assim como é nela que ocorre a criação do Plano²⁶. O nível 0 é o único que não se encontra nesta parte, o que significa que não houve espaço para a incredulidade dos personagens, indicando, ainda, que em um espaço curto de tempo (no tempo do enredo, cabe lembrar) Casaubon e Belbo, sobretudo, foram de céticos a paranoicos. É essa, também, a parte do enredo em que Casaubon, Belbo e Diotallevi

Gráfico de Conspiração



criaram o Plano, etapa em que prevalecem as pesquisas que culminam no Plano, que contribuem para a paranoia dos personagens e as conexões que eles encontram em todas as situações, justificadas, por eles, como verdadeiras, visíveis a qualquer um que as procure, e não como inventadas, como aparece no trecho: “Não podemos inventar conexões. Elas existem” (ECO, 2017, p. 440).

Na busca das conexões e analogias, além das bibliotecas e museus frequentados pelos protagonistas, assim como o trabalho deles, que os punha em constante contato com autores e livros, há, também, Abulafia, o computador de Belbo que, em certa medida, desempenha um papel formal na história ao inspirar sua natureza aleatória e combinatória, já que o computador é programado para jogar com as palavras, randomizando-as, de forma que Casaubon, Belbo e Diotallevi criassem conexões entre os personagens e eventos da História, às vezes até incluindo exageros, como quando

²⁶ “E aquele ano foi para nós o ano do prazer, da subversão jocosa do grande texto do universo, no qual se celebram os sponsais da Tradição com a Máquina Eletrônica. Criávamos, e tínhamos satisfação com isso. Foi o ano em que inventamos o Plano” (ECO, 2017, p. 389).

Casaubon sugere ironicamente a inserção de Minnie, e insiste na presença permanente dos templários.²⁷

O jogo de palavras e associações com o computador é, portanto, a um só tempo propulsor da sátira e da invenção do Plano, na medida em que é utilizado como uma ferramenta na cadeia de associações do pensamento hermético de Casaubon, Belbo e Diotallevi. Assim, os três criam o Plano por meio dessas conexões sugeridas por Abulafia e endossadas por eles mesmos como verdadeiras, irrefutáveis; embora tenham consciência, a princípio, de que o que fazem é, em suma, brincar, parecem, por vezes, esquecer disso, como no seguinte diálogo:

“No fim das contas eram alemães”, disse eu. “Vou ler os manifestos rosacrucianos”. “Mas se disse que eram falsos”, disse Belbo. “E daí? Também nós estamos construindo um modelo falso”. “É verdade”, disse. “Estava me esquecendo” (ECO, 2017, p. 413).

Da mesma forma, os três parecem esquecer que o Plano é inventado quando consideram que o rigor com que fizeram sua pesquisa era satisfatório para os fins que desejavam alcançar.²⁸ Este ponto é de muita importância, tendo em vista que as virtudes epistêmicas de um historiador (ou, no caso do romance, de um pesquisador de modo geral, não necessariamente no sentido formal) constituem parte do método de investigação que condiciona usos do passado ao objetivo de produzir conhecimento justificado e verossímil.

É esse o movimento feito por Casaubon, Belbo e Diotallevi quando, ao ultrapassar o jogo de associações mais ou menos jocosas, pensam que, por terem feito pesquisa nos marcos eruditos, consultando livros, enciclopédias etc., a construção que fizeram do passado se justifica de forma racional. Em suma, a conspiração inventada por eles teve rendimento mesmo quando confrontada com as barreiras do ceticismo intelectual, a princípio observada com mais força em Casaubon e Belbo.

A partir disso, cabe uma reflexão, então, acerca do comportamento virtuoso de um pesquisador interessado no campo da história e suas preocupações metodológicas, essenciais para que seus trabalhos tenham, além do caráter erudito, uma validação entre seus pares. Os historiadores, de forma geral, nem sempre concordam quanto ao que se

²⁷ “É verdade. Pois ponha Minnie. E se me permitem, porei um dado fundamental: os templários entram sempre” (ECO, 2017, p. 396).

²⁸ Há um trecho em que um deles comenta: “O progresso exige suas vítimas. Admitam no entanto que estamos encontrando uma racionalidade imanente na história” (p. 458) e, mais algumas páginas adiante, outro diz: “Isso mesmo. O rigor antes de tudo” (p. 552), referindo-se, evidentemente, ao Plano.

deve entender como “comportamento intelectualmente virtuoso”, sendo este, em grande medida, “moldado por contextos históricos” (PAUL, 2016, p. 27), no que diz respeito a uma melhor compreensão do passado. Assim, não é qualquer pesquisa que contribui para o conhecimento histórico, da mesma forma que pesquisadores “não são livres para escolher as virtudes que quiserem” (PAUL, 2016, p. 29), embora as virtudes intelectuais se encontrem em uma hierarquia que pode se relativizar a depender da situação historiográfica²⁹ da pesquisa.

Nesse sentido, Paul (2016, p. 32) também chama atenção para a cautela do pesquisador, entendida por ele como uma virtude, que necessita de uma certa dose de *phronesis*³⁰, permitindo-lhe perceber quais são as demandas que cada situação historiográfica lhe coloca. Contudo, do ponto de vista do autor, isso deve ser feito com cuidado, visto que ele discorda que “os historiadores com pretensão à seriedade acadêmica estejam livres para priorizar a meta que bem quiserem”, embora a mais importante meta da erudição histórica seja a compreensão do passado (PAUL, 2016, p. 37).

Portanto, no contexto intelectual da segunda metade do século XX, certamente aquele tomado por Eco como ponto de partida, a compreensão do passado deve encabeçar todas as outras metas frente à pretensão de uma investigação histórica que se reconhece como pesquisa erudita (PAUL, 2016, p. 38). No caso d’*O Pêndulo de Foucault*, sabemos que, embora os personagens não sejam historiadores e nem pesquisadores formais, sua formação intelectual opera ao menos em parte segundo as expectativas desse registro, amplificando o efeito de adesão à conspiração; afinal, as barreiras de seu ceticismo intelectual foram facilmente transpassadas pelo rumor quando se viram confrontadas por ele, o que leva a cogitar que mesmo o intelectual mais preparado é vulnerável às tentações da superinterpretação. Como vimos, esse movimento foi guiado, primeiro, pelas questões individuais de cada um (afinal, Eco precisava criar essas situações para dar sentido a seu enredo e à sua crítica, em menor grau) e, segundo, pelo gosto erudito pela perspectiva de que a História é um conjunto de segredos cujo *telos* deve ser desvelado meticulosamente.

²⁹ Entende-se, por situação historiográfica, a interação entre o gênero da escrita, o problema de pesquisa do historiador e o estado da literatura especializada (PAUL, 2016, p. 30).

³⁰ “*Phronesis*, ou o ato de invocar a palavra correta na hora e no lugar certos, é o que os historiadores necessitam quando precisam estabelecer hierarquias de valores intelectuais sintonizadas com a situação em que estão” (PAUL, 2016, p. 33).

Por outro lado, vimos que a pesquisa empreendida por Casaubon, Belbo e Diotallevi estava preocupada em preencher vazios emocionais, o que poderia justificar a relativização do rigor acadêmico, embora, para eles, as conexões que encontravam e a história que escreveram estivesse de acordo com fatos irrefutáveis, sobretudo porque se sentiam poderosos ao elaborar o Plano, assim como este aparentava ter um caráter rigoroso e erudito devido à natureza da pesquisa que lhe deu origem, chamada pelos três, inclusive, de “reconstituição do passado”³¹.

Aqui, cabe abrir um parêntese para retomar as oscilações de Casaubon: se, de um lado, ele acreditava no rigor de seu método, de outro, reconhecia as falhas dele, tendo em mente que a mobilização de acontecimentos e de personagens históricos e a randomização dessas informações se adequavam mais aos seus desejos do que aos fatos propriamente ditos.³²

É nesse momento que Lia, a esposa de Casaubon, se faz presente como o contraponto decisivo à conspiração. Uma personagem majoritariamente secundária no romance, Lia aparece como a ideia de um “corpo” que procria – um recipiente no qual o graal de Casaubon é gerado (COLETTI, 1997, p. 307). Coletti (1997, p. 308) ainda sustenta que Lia é uma personagem mitificada por Casaubon em termos consistentes com os símbolos e metáforas dos mistérios alquímicos presentes no enredo, de forma que as analogias entre as forças da vida e a criação nos seres humanos e no cosmos encontrem um correspondente nas analogias do simbolismo sexual, que ela representa.³³ No romance, o leitor consegue perceber esse movimento quando Lia, preocupada com o mergulho de Casaubon no plano, usa seu corpo para lhe trazer de volta à superfície com

³¹ “A reconstituição tomou-nos dias e dias, interrompíamos nosso trabalho para revelarmos uns aos outros nossas últimas conexões, líamos tudo o que nos caía sob as mãos, enciclopédias, jornais, histórias em quadrinhos, catálogos editoriais, em leitura transversal e à procura de curtos-circuitos possíveis, pusemos-nos a vasculhar os sebos, fuçávamos as bancas de jornais, apossava-mo-nos descaradamente os manuscritos dos nossos diabólicos, entrávamos triunfantes no escritório despejando sobre a mesa o resultado de nossos últimos achados” (ECO, 2017, p. 487)

³² “Dávamos toques de polegar ao Plano, que, como uma argila macia, obedecia aos nossos desejos fabulatórios” (ECO, 2017, p. 473).

³³ A autora explica que, na alquimia, há uma estabelecida estrutura de gênero, na qual o alquimista emprende esforços para obter controle da natureza feminina, processo no qual o feminino material é identificado como uma fonte de poder criativo. Não obstante, o discurso alquímico distingue uma hierarquia fundamental de símbolos e substâncias masculinos e femininos, que fornecem a estrutura básica da psique humana e do cosmos (COLETTI, 1997, p. 309).

as mesmas técnicas e jogos com os números e associações³⁴ que seu marido fazia com o Plano.

Para além disso, contudo, Lia é a única personagem a oferecer uma voz contrária à interpretação do Plano, rejeitando a proposta inicial de que o documento tratava de um plano de vingança dos templários e afirmando que, na verdade, o documento é uma lista, um rol de roupas de um comerciante, até explicar, de forma satisfatória (inclusive para Casaubon), como chegou a essa conclusão. Voltamos, portanto, ao movimento pendular de Casaubon, ao oscilar entre o delírio hermético proposto pelo Plano e a interpretação de Lia. Kirkpatrick (1995, p. 173) nos lembra, contudo, que, apesar disso, um paranoico pode aceitar também a interpretação de Lia sem rejeitar o Plano, visto que a lista poderia, na verdade, ser um mero disfarce. Nesse sentido, o efeito de refutação simboliza muito bem as ambivalências da conspiração, que pode se desmanchar ou se reafirmar poderosamente dependendo da disposição de quem é objeto dela.

Casaubon compreende a interpretação de Lia e lhe dá razão, porém, continua a não rejeitar o Plano, embora sua motivação seja diferente: movido por suas emoções, ele confessa a si mesmo: “Na verdade, eu sentia saudades do Plano, não queria jogá-lo fora, convivera demasiado com ele” (ECO, 2017, p. 566).

A emoção, assim, parece prevalecer quando confrontada pelos argumentos racionais de Lia – e Casaubon não apenas os reconhece como racionais, como também sabe que se encontra preso na sedução do Plano, que ao menos lhe preenche algum vazio. Lia também reconhece que o Plano é um conforto para os três, acima de tudo, proclamando, com isso, a vitória do *pathos* sobre o *logos*:

Os manifestos rosacrucianos de vocês não eram nem claros nem límpidos, eram um borborismo e prometiam um segredo. Por isso é que tanto procuram torná-los verdadeiros, e cada um de vocês neles encontrou o que queria (ECO, 2017, p. 566).

À guisa de conclusão

³⁴ Lia diz a Casaubon: “Oh, em suma, fomos feitos assim, com este corpo, todos, e por isso elaboramos os mesmos símbolos a milhões de quilômetros de distância e por força de tudo se assemelha, e por isso as pessoas com sal na cabeça quando veem um forninho do alquimista, todo fechado e quente por dentro, pensam na barriga da mãe que faz a criança, e só os seus diabólicos veem a Madona que está para fazer o menino e pensam que seja uma alusão ao forninho do alquimista. Assim é que se passaram milhares de anos a buscar uma mensagem, quando tudo já estava ali, bastava olharem-se no espelho” (ECO, 2017, p. 386).

Há muitas camadas de profundidade nas relações entre investigação histórica e criação e difusão de rumores. O método de pesquisa, embora seja apenas uma possibilidade dentre as várias aberturas propostas pelo assunto, nos instiga a refletir acerca da posição do pesquisador e suas preocupações metodológicas, neste caso, dentro do campo da história – e, como vimos com Herman Paul, por mais que a compreensão do passado seja a meta mais importante de um historiador, ela, por si só, não sustenta o rigor acadêmico ou a qualidade de um trabalho historiográfico, evidenciando o que o autor chama de historicismo fraco.

Nossos personagens, então, apesar de ocuparem uma posição intelectual privilegiada, estão dentro de um método de pesquisa “histórico” no qual, em geral, os historiadores não se reconhecem, incluindo Lia, que, apesar de ter uma explicação mais racional para o documento, parece ocupar mais o espaço da filologia que o da história.

Ao *ethos* do pesquisador assumido pelos protagonistas também se somam outros elementos explorados ao longo das seções deste trabalho, como o *pathos* da conspiração e o *logos* intelectual de Casaubon, Belbo e Diotallevi, observados como fatores que se fizeram presentes na adesão deles à conspiração, assim como a sedução da interpretação sem limites, enfrentada pelos personagens mesmo antes de se despirem completamente de seu ceticismo intelectual.

Assim, o que há por baixo dos panos é, em suma, um embate entre o racionalismo e o irracionalismo, ambientado em um mundo onde não há mais espaço para a mística que habilitava este tipo de conspiração. Na verdade, a conspiração não deveria funcionar frente aos critérios postos pelo racionalismo, estranhos aos elementos de base da própria conspiração, mas, ainda assim, ela prospera, como se a analogia, no fundo, conseguisse ser mais poderosa que os argumentos e procedimentos racionalistas.

Todas essas questões, enfim, também se encontram aglutinadas no gráfico. Como instrumento analítico, sua forma visual evidenciou o padrão de oscilação que atravessa o livro desde o título até as ações de seu narrador, colocando, também, as principais questões aqui tratadas. A oscilação, portanto, é um movimento que permite a reflexão sobre a vulnerabilidade do *ethos* acadêmico quando este se vê confrontado com as emoções, próprias do ser humano, ao permitirem que a conspiração entre como um cavalo de troia, parafraseando Kirkpatrick (1995), até mesmo no mais cético dos intelectuais.

Dessa forma, o gráfico, por se tratar de uma quantificação geral do romance, contém várias lacunas que permitem dar continuidade às considerações sobre a economia dos rumores, assunto que se encontra estruturado dentro de um sistema informacional com muito ainda por explorar. Outras quantificações de *O Pêndulo de Foucault* podem ser feitas, também, a partir deste gráfico, utilizando diferentes formas de configurações visuais, ainda dentro do escopo proposto por Moretti (2005), de maneira a aprofundar mais ainda essa discussão, especialmente em romances desse filão, que, embora não sejam encarados como uma representação direta da realidade, possuem uma certa preocupação e um cuidado acadêmico, por parte de seus autores, na criação de seus personagens, nas situações pelas quais eles passam e, no caso do livro de Eco, no tratamento da interpretação sem limites e da conspiração.

Referências Bibliográficas

- ALDRIN, Phillippe. Penser la rumeur. Une question discutée des sciences sociales. *Genèses*, 2003/1, n. 50, p. 126-141.
- ALLPORT, Gordon W.; POSTMAN, Leo. *The Psychology of Rumor*. Nova York: Henry Rolt and Company, 1948.
- ARTIGIANI, Robert. Image-Music-Pinball. The Johns Hopkins University Press: *Comparative Literature*, vol 107, n. 5, 1992, p. 855-876,
- BOLTANSKI, Luc. *Enigmas y complots*. Uma investigación sobre las investigaciones. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- BONDANELLA, Peter. Interpretation, Overinterpretation, Paranoid Interpretation and Foucault's Pendulum. In: CAPOZZI, Rocco. *Reading Eco: an anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 285-299.
- BOUCHARD, Norma. "Critifictional" Epistemes in Contemporary Literature: The Case of "Foucault's Pendulum". *Comparative Literature Studies*. Penn State University Press, vol. 32, n. 04, 1995, p. 497-513.
- CAPOZZI, Rocco. Revisiting History: Conspiracies and fabrication of texts in "Foucault's Pendulum" and "The Prague Cemetery". *Italica*, vol. 90, no. 4, American Association of Teachers of Italian, 2013, pp. 620-49.
- _____. Interpretation and Overinterpretation: The Rights of Texts, Readers and Implied Authors. In: CAPOZZI, Rocco. *Reading Eco: an anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 217-234.

COLETTI, Theresa. Bellydancing: Gender, Silence, and the Women of Foucault's Pendulum. In: CAPOZZI, Rocco. *Reading Eco: an anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 300-311.

ECO, Umberto. *O Pêndulo de Foucault*. Tradução: Ivo Barroso, 18ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017 [1988].

ECO, Umberto. *Confissões de um jovem romancista*. Tradução: Clóvis Marques, 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

KIRKPATRICK, Ken. The Conspiracy of the Miscellaneous in Foucault's Pendulum. *Studies in 20th Century Literature*: Vol. 19: Iss. 2, Article 3. <https://doi.org/10.4148/2334-4415.1369>

LACAPRA, Dominick. History and the novel. In: LACAPRA, Dominick. *History & Criticism*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1985, p. 115-134.

LONGONI, Anna. Esoteric conspiracies and the interpretative strategy. In: CAPOZZI, Rocco. *Reading Eco: an anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 210-216.

MEGILL, Allan. Literatura e História. In: MALERBA, Jurandir (org.). *História e Narrativa*. A ciência e a arte da escrita Histórica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016, p. 265-271.

MORETTI, Franco. *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for a Literary History*. Nova York: Verso, 2005.

_____. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos, 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2003 [1997].

PAUL, Herman. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 21, agosto de 2016, p. 25-42.

ZAMORA, Lois P. The Swing of the 'Pendulum': Eco's Novels. In: CAPOZZI, Rocco. *Reading Eco: an anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 328-347.

ZIOLKOWSKI, Theodore. *Lure of the Arcane*. The literature of cult and conspiracy. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013.

Anexo I – Trechos selecionados para o Gráfico

Nível 0: Casaubon completamente incrédulo

Nível 1: Casaubon começa a perceber que tudo está conectado

Nível 2: Casaubon fica oscilando

Nível 3: o complô já é real

1 - Página: 16

Trecho: Como teria girado se o ponto fosse fixado ao alto da cúpula do Templo de Salomão? Talvez os Cavaleiros tivessem experimentado também lá.

Nível: 3

2 - Página: 18

Trecho: Naquele momento, estava convencido de que Jacopo Belbo tinha razão.

Nível: nível 3

3 - Página: 18

Trecho: Mas se tinha razão quanto ao Pêndulo, talvez fosse verdade todo o resto, o Plano, a Conspiração Universal, e era justo que tivesse vindo ali na vigília do solstício de verão. Jacopo Belbo não era louco, simplesmente havia descoberto por brincadeira, pelo Jogo, a suma verdade.

Nível: 3

4 - Página: 21

Trecho: Seria possível que apenas eu - eu e Jacopo Belbo e Diotallevi - houvéssemos intuído a verdade?

Nível: 3

5 - Página: 24

Trecho: Eu devia ir-me embora, ir embora, era tudo uma loucura, estava caindo no jogo que fizera Jacopo Belbo perder o juízo, também eu, o homem incrédulo...

Nível: 2

6 - Página: 24

Trecho: Agora estava me habituando àquela alternância de angústia e confiança, terror e desencanto (não se trata de fato de um início de doença?), e pensei que as visões da igreja me haviam perturbado porque chegara a elas seduzido pelas páginas de Jacopo Belbo, que as decifrava à custa de tantos volteios enigmáticos - e que no entanto sabia fictícios.

Nível: Nível 2.

7 - Página: 25

Trecho: Aquele conjunto de redomas, aquela espécie de altar alquímico ao centro, aquela liturgia de civilizada macumba setecentista, não eram resultantes de uma disposição casual, mas, antes, de um estratagema simbólico.

Nível: 3

8 - Página: 27

Trecho: Jacopo Belbo tinha razão, a Razão está errada.

Nível: 3

9 - Página: 27

Trecho: A terra girava inexorável, a hora chegava, em breve estariam à minha procura.

Nível: 3

10 - Página: 34

Trecho: “O Plano. O Plano é verdadeiro. Por favor, não me diga coisas óbvias. Estou sendo procurado.” “Por quem?” Custava-me ainda compreender. “Ora Casaubon, pelos templários; sei que você não vai querer acreditar em mim, mas é tudo verdade. Eles pensam que eu tenho o mapa, me apertaram, obrigaram-me a vir a Paris. Sábado à meia-noite querem que eu esteja no Conservatoire, sábado - entendeu? - a noite de São João...” Falava de maneira desconexa e eu não conseguia acompanhá-lo. “Eu não quero ir lá, Casaubon, estou fugindo, são capazes de me matar. Você deve avisar o De Angelis - não, o De Angelis é inútil - nada de polícia, pelo amor de Deus...”

Nível: 3

11 - Página: 35

Trecho: O Plano era verdade? Mas que absurdo, se o havíamos inventado nós. Quem capturara Belbo? Os rosa-cruzes, o conde de San Germano, a Okrana, os Cavaleiros do Templo, os Assassinos? [...] o Plano era comum, meu, dele, de Diotallevi, mas era ele [Belbo] que parecia havê-lo levado, agora, para além dos limites da brincadeira. Inútil elaborar outra hipótese.

Nível: Nível 2, oscilação.

12 - Página: 41

Trecho: Primeiramente, seria uma palavra que tivesse escolhido no princípio, quando começou a usar a máquina, ou que houvesse descoberto, e mudado, nos últimos dias, ao se dar conta de que os disquetes continham material explosivo e o jogo, pelo menos para ele, já não era mais um jogo? Seria muito diferente.

Nível: 3

13 - Página: 41

Trecho: Belbo sente-se perseguido pelo Plano, leva o Plano a sério (pelo menos assim me havia deixado perceber pelo telefone), e pensa então em algum termo que tem relação com a nossa história.

Nível: 3

14 - Página: 41

Trecho: Se Eles existissem, certamente haveriam de seguir uma inspiração cabalística, e se Belbo estava convencido de que de fato existiam, possivelmente teria seguido a mesma via.

Nível: 3

15 - Página: 43

Trecho: Trinta e seis. Há mais de dez anos que esse número me obceca. E também o 120. Os rosa-cruzes.

Nível: 1

16 - Página: 49

Trecho: Mas haveria de jogar com números como 36 ou 120, se era verdade, como eu conjecturava, que ele também estivesse obcecado por aqueles algarismos.

Nível: 1.

17 - Página: 52

Trecho: Além do mais, por que Belbo devia pensar nos termos cabalísticos de Diotallevi? Ele estava obcecado pelo Plano, e no Plano havíamos incluído tantos outros componentes, os Rosa-Cruzes, a Sinarquia, os Homúnculos, o Pêndulo, a Torre, os Druidas, a Ennoia...

Nível: 2

18 - Página: 54

Trecho: Quando a impressora terminou, li, e fiquei perturbado, pois não conseguia decidir se estava diante de revelações extraordinárias ou se apenas testemunhava um delírio. Nível: nível 2.

19 - Página: 55

Trecho: Estavam numerados: 120. O número não era casual, ou melhor, a coincidência era inquietante. Mas por que aquelas e não outras?

Nível: 1.

20 - Página: 55

Trecho: Procuo convencer-me de que minha releitura é a correta, mas não passará esta manhã sem que no entanto alguém me diga, e não a Belbo, que eu estava louco.

Nível: 2

21 - Página: 56

Trecho: “Eles estão chegando...”

Nível: 3

22 - Página: 56

Trecho: Aquela noite no periscópio eu não tinha nenhuma prova de que tudo o que me revelara a impressora fosse verdade. Podia ainda beneficiar-me com a dúvida. Ao

chegar a meia-noite talvez terei percebido que vim a Paris, que me escondi como um ladrão num inócuo museu da técnica, só por me haver metido estupidamente numa macumba organizada para turistas e me deixara prender pela hipnose dos perfumadores, e ao ritmo dos pontos...

Nível: 2

23 - Página: 62

Trecho: Acreditar em duas coisas que não estejam juntas, com a ideia de que em alguma parte deve haver uma terceira, oculta, que as integra, é a boa imagem da credulidade.

Nível: 0

24 - Página: 62

Trecho: (Lia, não sei se voltarei a ver-te, agora que Eles entraram do lado errado e invadiram teu mundo, e por culpa minha: fiz-lhes acreditar que havia abismos, como eles queriam por fraqueza).

Nível: 3.

25 - Página: 64

Trecho: Esse esbanjamento visionário irritava a minha incredulidade, e decidi não perder tempo com os caçadores de mistérios, atendo-me somente às fontes da época.

Nível: 0

26 - Página: 65

Trecho: Se a Igreja dissolveu a ordem, e o faz há sete séculos, os templários não podiam mais existir, e se existissem não eram mais os templários.

Nível: 0

27 - Página: 69

Trecho: Criava, e melhor que o não tivesse feito: seu entusiasmo pelo Plano nasceu daquela necessidade de escrever um Livro, ainda que fosse, exclusivamente, de terríveis erros intencionais.

Nível: 3

28 - Página: 76

Trecho: “Trabalho numa editora e numa editora aparecem sábios e loucos. É função do redator reconhecer os loucos à primeira vista. Quando alguém aparece com algo como os templários, é quase sempre um louco”.

Nível: 0

29 - Página: 80

Trecho: “Já chegamos. O louco é reconhecível de cara. Um estúpido que não conhece os truques. O estúpido procura demonstrar sua tese, tem uma lógica torcida, mas tem. O louco, ao contrário, não se preocupa em ter uma lógica, procede por curtos-circuitos. Tudo para ele demonstra tudo. O louco tem uma ideia fixa, e tudo o que encontra lhe serve para confirmá-la. Reconhece-se o louco pela liberdade com que toma nos confrontos os deveres de prova, na disposição de encontrar esclarecimentos. E lhe parecerá estranho, mas o louco mais cedo ou mais tarde acaba vindo com essa dos templários”.

Nível: 0

30 - Página: 92

Trecho: Segundo a lenda, os cavaleiros se identificavam com as companhias de maçons que tramavam os segredos do Templo de Salomão. Isso, já prevíamos. Até este pretende encontrar a origem da maçonaria naquela fuga dos templários para a Escócia... Uma história ruminada por dois séculos, com base em fantasias. Nenhuma prova, posso pôr na mesa uns 50 livros que narram a mesma façanha, plagiando uns aos outros. Veja aqui, abrindo ao acaso: ‘A prova da expedição escocesa está no fato de que, até hoje, a 650 anos de distância, existem ainda no mundo ordens secretas que evocam a Milícia do Templo. Como explicar de outra forma a continuidade dessa herança espiritual?’ Compreende? Como é possível não existir o marquês de Carabas se até o gato de botas diz estar a seu serviço?

Nível: 0

31 - Página: 118

Trecho: Agora compreendo por que os templários obsidiam tantos dos meus malucos.

Nível: 0

32 - Página: 119

Trecho: Não sabia então que estava começando a brincar com fogo grego, que queima e consome.

Nível: 3.

33 - Página: 134

Trecho: “Os adversários dos templários não eram assim tão selvagens”, disse eu em tom conciliador.

Nível: 0

34 - Página: 137

Trecho: “A carreta de feno é lenda”, disse eu, “e não tomaria Nostradamus como autoridade em matéria historiográfica...”

Nível: 0

35 - Página: 141

Trecho: “Mas, enfim”, disse Belbo, “ainda são hipóteses suas...”

Nível: 0

36 - Página: 145

Trecho: “Mas o documento de Ingolf já não era o original”, disse eu. “Era a cópia que ele fizera de um suposto original”. “Sr. Casaubon, quando os originais já não existem, a última cópia passa a ser a original”. “Mas Ingolf podia ter transcrito mal”. “O senhor não sabe se é assim. E eu sei que a transcrição de Ingolf diz a verdade, porque não vejo como a verdade poderia ser outra. Portanto, a cópia de Ingolf é o original. Estamos de acordo nesse ponto, ou vamos ficar fazendo brincadeiras intelectuais?”

Nível: 0

37 - Página: 146

Trecho: Foi o nosso contato inicial, remoto, com o Plano. [...] Mas naquele dia eu estava lá, e por isso agora estou onde estou.

Nível: 2

38 - Página: 149

Trecho: “E esta seria a mensagem não cifrada?”, perguntou Belbo, desiludido e divertido ao mesmo tempo.

Nível: 0

39 - Página: 153

Trecho: Diotallevi teria possivelmente procedido à reformulação aritmológica da história universal se Belbo não o tivesse interrompido com uma dessas olhadas, como fazem as mães quando o filho comete alguma gafe. Mas o coronel estava reconhecendo em Diotallevi um iluminado.

Nível: 1

40 - Página: 160

Trecho: “O *bastà là*”, disse Belbo. Só um piemontês pode compreender o ânimo com que se pronuncia esta expressão de educada estupefação. Nenhum de seus equivalentes em outra língua ou dialeto (não me diga, *dis donc, are you kidding?*) pode expressar o soberbo senso de desinteresse, o fatalismo com que ela reconfirma a indefectível persuasão de que os demais são, e irremediavelmente, filhos de uma divindade inapta.

Nível: 0

41 - Página: 164

Trecho: O coronel não me tinha sido simpático, mas era interessante. Pode-se observar demoradamente, fascinado, até mesmo um lagarto. Estava saboreando as primeiras gotas de veneno que nos iriam levar todos à perdição. Tornei a ver Belbo na tarde seguinte e falamos um pouco a respeito do visitante. Belbo disse que o coronel lhe pareceu um mitômano: “Viu como citava aquele Roscoqui ou Rostropovich como se fosse Kant?” “Além de tudo são histórias antigas”, disse eu. “Esse Ingolf era um maluco que acreditava em si mesmo, e o coronel é um maluco que acredita em Ingolf”.

Nível: 0

42 - Página: 168

Trecho: Belbo foi breve: repetiu-lhe tudo o que já lhe tinha dito pelo telefone, sem outros esclarecimentos que fossem essenciais. O coronel lhe havia contado uma história nebulosa, dizendo ter descoberto a pista de um tesouro em certos documentos encontrados na França, mas não dissera muito mais que isso. Parecia pensar que estava de posse de um segredo perigoso, e queria torná-lo público mais cedo ou mais tarde, para não ser seu único depositário. Havia mencionado o fato de que outros antes ele, uma vez descoberto o segredo, tinham desaparecido misteriosamente.

Nível: 1

43 - Página: 170

Trecho: “Até demais. E faz estudos sobre os templários... Se eu tivesse que estudar essa gente, que livros deveria ler?” Sugeriu-lhe dois livros de divulgação, mas bastante sérios. Disse-lhe que havia encontrado informações fidedignas só até o processo e que daí em diante era tudo imaginação.

Nível: 0

44 - Página: 171

Trecho: Lá fomos nós, e eu continuava intranquilo. Não por causa do comissário, que me pareceu uma boa pessoa, mas porque me encontrava, pela primeira vez na vida, no centro de uma história obscura. E havia mentido. E Belbo também.

Nível: 1

45 - Página: 177

Trecho: Mas foi então, bem sei, que comecei a me deixar embalar pelo sentimento de semelhança: tudo podia ter misteriosas analogias com tudo.

Nível: 1

46 - Página: 178

Trecho: Foi assim que, naquela noite, eu devia achar que o Plano era verdadeiro, porque pelo menos nesses últimos dois anos eu teria sido o arquiteto onipresente de um pesadelo maligno. Melhor que o pesadelo fosse real, se uma coisa é verdadeira é verdadeira, e você não tem nada com isso.

Nível: 2

47 - Página: 181

Trecho: [...] quando percebo que a moça, entre um suspiro e um gemido, fala de seis sinetes, de 120 anos de espera e Trinta e Seis Invisíveis. Não tenho mais dúvida, está falando da mensagem de Provins.

Nível: 3

48 - Página: 182

Trecho: Diz-me que se eu souber de alguma outra coisa o melhor é contar-lhe, porque lhe parece estranho que a moça tenha desaparecido e acha que as razões só podem ser duas: ou alguém descobriu que ele, De Angelis, estava em sua pista, ou então notaram que um certo Jacopo Belbo estava tentando abordá-la. E portanto as coisas que ela tinha dito em transe podiam-se referir talvez a alguma coisa de sério, e que até mesmo Eles, fossem quem fossem, não se haviam ainda dado conta de que ela soubesse tanto.

Nível: 1

49 - Página: 184

Trecho: A carta perturbou-me. Não pelo receio de ser procurado por De Angelis, imagine, em outro hemisfério, mas por razões imperceptíveis. Naquele instante irritou-se o fato de ser atingido em ricochete por um mundo distante que eu deixara. Agora compreendo que o que me perturbava era uma enésima trama da semelhança, a suspeita de uma analogia.

Nível: 1

50 - Página: 184

Trecho: A história da médium terminara de maneira racional [...] A sensitiva se alimentava daquela literatura (a mesma de que se alimentava o coronel) e a extravasava depois quando entrava em transe. O caso estava encerrado, passando à seção de tóxicos.

Nível: 0

51 - Página: 185

Trecho: Naquele noite no periscópio, no entanto, dizia para mim mesmo que os fatos talvez tivessem ocorrido de modo bem diferente: a médium tinha, de fato, mencionado algo que ouvira de Ardenti, mas algo que as revistas jamais haviam dito, e que ninguém

devia saber. Alguém do Picatrix fizera desaparecer o coronel para fazê-lo calar, e esse mesmo alguém, percebendo que Belbo tencionava interrogar a sensitiva, a havia eliminado. Depois, para despistar as investigações, eliminara igualmente o amante, e havia instruído o olheiro da polícia para espalhar a história de fuga.

Nível: 1

52 - Página: 185

Trecho: Contudo, então no Brasil, não foram esses os pensamentos que a carta me suscitou. Senti novamente que algo se assemelhava a alguma outra coisa. Pensei na viagem à Bahia, e dediquei uma tarde a visitar barracas de livros e objetos de culto, que até então havia ignorado.

Nível: 1.

53 - Página: 186

Trecho: Voltei para casa e comuniquei oficialmente a Amparo que o mundo estava cheio de desnaturados.

Nível: 0

54 - Página: 190

Trecho: Os templários me haviam novamente encontrado. Disse a Agliè que fizera uma tese sobre eles. Olhou-se com interesse. “Curiosa conjuntura, meu jovem amigo. Aqui sob o Cruzeiro do Sul, encontrar um jovem templário...”. “Não gostaria que me considerasse um adepto...” “De modo algum, Sr. Casaubon. Se o senhor soubesse quanta charlatanice há nesse campo” “Eu sei, eu sei”.

Nível: 1

55 - Página: 193

Trecho: Nos dias que se seguiram fui tomado de amores por Salvador. Passava pouquíssimo tempo no hotel. Folheando o índice do livro sobre os rosa-cruzes, encontrei uma referência ao conde de São Germano. Vejam só, disse comigo, *tout se tient*.

Nível: 1.

56 - Página: 199

Trecho: Na época dos Antoninos... o mundo estava cheio de maravilhosas correspondências, de semelhanças sutis, era preciso penetrá-las, deixar-se penetrar por elas, através do sonho, do oráculo, da magia, que permitem agir sobre a natureza e suas forças movimentando o símile contra o símile.

Nível: 1

57 - Página: 205

Trecho: E no curso dessas viagens, que para um intelectual da época representava um verdadeiro *trip* de cultura geral, percebe que precisa fundar na Europa uma sociedade que dirija os governantes pelos caminhos da sabedoria e do bem.

Nível: 1

58 - Página: 206

Trecho: Eu já vira a expressão na carta de Belbo, mas não consegui deixar de reagir: “Meu Deus...!” “Que houve?” “É que num documento dos templários... Uma história estranha que nunca te contei, de um tal coronel...”

Nível: 1

59 - Página: 211

Trecho: “Pois sim! Torna-o mais complicado ainda. Pois descobre que se subtrairmos os 188 anos prometidos pelos rosa-cruzes de 1618 obtêm-se 1430, que é o ano em que foi instituída a ordem do Tosão de Ouro” “E que tem a ver?” “Não compreendo por que 188, já que devia ser 120, mas quando fazemos subtrações e adições místicas, a conta dá sempre certo. Quanto ao Tosão de Ouro, é o mesmo Velocino de Ouro dos Argonautas, e soube de fonte limpa que tem algo a ver com o Santo Graal, e assim, se me é permitido também com os templários”.

Nível: 1

60 - Página: 212

Trecho: “Mas segundo outras versões, os manifestos dizem da maneira mais clara que se trata de Trinta e Seis Invisíveis espalhados pelo mundo em grupos de seis, e que têm o poder de tornar invisíveis os seus adeptos... Caramba, de novo os 36...”

Nível: 1

61 - Página: 222

Trecho: “Mas afinal que querem que se saiba?” “Que há um segredo. Senão para que viver, se tudo fosse assim como aparece?” “E qual é o segredo?” “Aquele que as religiões reveladas não souberam dizer. O segredo está além”.

Nível: 1

62 - Página: 234

Trecho: Eu pensava que, se houve a ruptura dos vasos, a primeira rachadura se formou talvez naquela noite do Rio durante o rito, mas que a explosão se deu quando voltei à pátria.

Nível: 1

63 - Página: 239

Trecho: As conexões existem sempre, basta querer encontrá-las.

Nível: 1

64 - Página: 294

Trecho: Desde o início do Projeto Hermes até aquele dia eu me divertira despreocupadamente à custa de meio mundo. Agora estes começavam a apresentar a conta. Eu também era uma abelha que corria em direção à flor, mas não o sabia ainda.

Nível: 1

65 - Página: 309

Trecho: “Aí está, meu amigo. Eletricidade, radioatividade. energia atômica, o iniciado sabe que tudo isso são metáforas, disfarces superficiais, mentiras convencionais, no máximo piedosos sucedâneos de alguma força ancestral, e esquecida, que o iniciado procura, e um dia conhecerá. Talvez devêssemos falar”, e hesitou um instante, “das correntes telúricas”.

Nível: 1

66 - Página: 337

Trecho: Enquanto se levantava, deixou cair a última pergunta: “E nos seus originais... nunca encontrou nenhuma referência ao Tres?”

Nível: 0

67 - Página: 357

Trecho: Não sei se o que recordo, com lucidez tão confusa, foi o que de fato aconteceu ou se o que desejaria que tivesse acontecido, mas certamente foi naquela noite que o Plano tomou forma em nossa mente, como desejo de dar uma forma qualquer àquela experiência informe, transformando em realidade fantástica aquela fantasia que alguém havia desejado real.

Nível: 2

68 - Página: 376

Trecho: “É simples”, estava respondendo a Belbo, “se os templários, os verdadeiros, deixaram um segredo e instituíram uma continuidade, será necessário portanto ir à procura deles, e nos ambientes em que mais facilmente poderiam mimetizar-se, onde eles próprios talvez inventem mitos e ritos para transitarem sem ser observados como os peixes na água. [...] E onde melhor poderia disfarçar-se o verdadeiro templário senão em meio à multidão de suas caricaturas?”

Nível: 0

69 - Página: 379

Trecho: Belbo concordou - “Estão aqui exatamente porque não querem o *genis*”, disse ele. Pergunto-me agora se não foi naquela noite que ele começou a perceber uma ligação entre seus sonhos e o quanto lhe estava acontecendo naqueles meses”

Nível: 1 ou 2

Marcador: 1

70 - Página: 381

Trecho: No entanto, aquela viagem tinha me deixado outros sinais, e acho agora preocupante que então não me preocupasse com eles.

Nível: 2

71 - Página: 382

Trecho: Disse comigo: sou como Amparo, não creio mas acontece. E me surpreendia a refletir sobre o fato de que na verdade a altura da grande pirâmide era um milionésimo da distância entre a Terra e o Sol, ou que na realidade delineavam-se analogias entre a mitologia céltica e a mitologia ameríndia. E estava começando a interrogar tudo quanto me circundava, as casas, os nomes das lojas comerciais, as nuvens no céu, e as gravuras na biblioteca, para que me contassem não a sua história mas uma outra, que decerto ocultavam, mas que afinal revelavam em virtude de suas misteriosas semelhanças.

Nível: 1

72 - Página: 382

Trecho: “Sabe que sempre desconfiei das analogias. Pois agora me encontro numa festa de analogias, numa Coney Island, um Primeiro de Maio em Moscou, num Ano Santo de analogias, e percebo que algumas são melhores que as outras e me pergunto se na verdade não deve haver uma razão”.

Nível: 1

73 - Página: 386

Trecho: Mas eu não soube me preservar. Estava prestes a ser seduzido pela beleza de Tiferet.

Nível: 2

74 - Página: 390

Trecho: Circulavam em meio aos nossos diabólicos com uma desenvoltura de psiquiatra que se afeiça aos seus pacientes, e acha balsâmicas as brisas que sopram no parque vetusto de sua clínica particular. E em breve começa a escrever páginas sobre o delírio, depois páginas de delírio. E não se dá conta de que os seus doentes o seduziram: crê haver-se tornado um artista. Assim nasceu a ideia do Plano.

Nível: 2

75 - Página: 390

Trecho: Diotallevi aderiu ao jogo porque para ele era oração. Quanto a Jacopo Belbo, acreditava divertir-se tanto quanto eu. Só agora compreendo que não extraía daquilo um verdadeiro prazer. Participava dele como alguém que rói as unhas.

Nível: 3

76 - Página: 393

Trecho: Creio que ao elaborar o sonho, Belbo tenha, mais uma vez, voltado ao pensamento da oportunidade perdida, e ao seu voto de renúncia por não ter sabido aproveitar, se é que houve alguma vez, o Momento. O Plano teve início porque ele havia se resignado a construir para si momentos fictícios.

Nível: 2

77 - Página: 396

Trecho: “É verdade. Pois ponha Minnie. E se me permitem, porei um dado fundamental: os templários entram sempre”.

Nível: 2

78 - Página: 402

Trecho: Quando se entra num estado de suspeita, não se deixa passar mais indício algum. Depois das extravagâncias sobre a ávore-motora estava disposto a ver sinais reveladores em qualquer objeto que me caísse às mãos.

Nível: 1

79 - Página: 403

Trecho: Lembrei-me das fantasias de Ardentí e algumas páginas encontradas nos manuscritos diabólicos... Tive um sobressalto quando nossa guia nos fez visitar uma sala secundária, de teto dividido em algumas chaves de abóbada. Eram pequenas rosetas, mas em algumas vi esculpida uma face barbuda e um tanto caprina. Bafomé...

Nível: 1

80 - Página: 404

Trecho: O segundo encontro em Jerusalém... E o primeiro no Castelo. Não era assim que dizia a mensagem de Provins? Por Deus, o Castelo da Ordenação encontrado por

Ingolf não era o improvável Monsalvato dos romances de cavalaria, Avalon a Hiperbórea. Se tivessem que marcar um lugar para a primeira reunião, que outro teriam escolhido os templários de Provins, mais hábeis em dirigir capitâncias do que em ler romances da Távola Redonda? Tomar, é claro, o castelo dos Cavaleiros de Cristo, um lugar onde os sobreviventes da ordem gozavam de plena liberdade, de garantias imutáveis, e no qual estavam em contato com os agentes do segundo grupo!

Nível: 1

81 - Página: 404

Trecho: Voltei de Tomar e de Portugal com a mente em chamas. Estava levando a sério a informação de Ardentí. Os templários, depois de se constituírem em ordem secreta, elaboraram um plano que durou 600 anos e concluiu-se em nosso século. Os templários eram pessoas sérias. Logo, se falavam de um castelo, falavam de um lugar verdadeiro. O Plano começava em Tomar. E então, qual devia ter sido o percurso ideal? Qual a sequência dos outros cinco encontros? Lugares onde os templários pudessem contar com amizades, proteção, cumplicidade. O coronel falava em Stonehenge, Avalon, Agarthá... Tolices. A mensagem pedia releitura.

Nível: 3

82 - Página: 404

Trecho: Belbo parecia perturbado com a ideia de voltar ao documento que lhe havia deixado o coronel, e só foi encontrá-lo vasculhando de má vontade uma das gavetas de sua mesa. No entanto, observei, ele o havia conservado. Relemos juntos a mensagem de Provins. Depois de tantos anos.

Nível: 1

83 - Página: 405

Trecho: Havia me tornado imbatível na cadeia das associações. Bastava partir de um ponto qualquer. Escócia, Highlands, ritos druídicos, noite de São João, solstício de verão, fogos de São João, Ramo de ouro... Eis uma pista, embora frágil. Lera algo sobre os fogos de São João no *Ramo de Ouro* de Frazer.

Nível: 1

84 - Página: 408

Trecho: “[...] Se havia um plano da cavalaria espiritual para a conquista do mundo, os templários e os teutônicos tinham dividido suas zonas de influência”.

Nível: 1

85 - Página: 408

Trecho: “Porque era a capital dos Cavaleiros Teutônicos! As relações entre os templários e os teutônicos não estavam envenenadas como entre os templários e os hospitalários, que ali estavam como abutres à espera da supressão do Templo para apossar-se de seus bens. [...] Se havia um plano da cavalaria espiritual para a conquista do mundo, os templários e os teutônicos tinham dividido suas zonas de influência”.

Nível: 1

86 - Página: 411

Trecho: “Pode-se portanto admitir que o Plano se tenha interrompido na passagem dos alemães para os búlgaros. E quando devia isso ocorrer?”

Nível: 1

87 - Página: 412

Trecho: “Como se chama aquele empalhador do qual nos falou, Casaubon? Talvez a conspiração exista de fato e a história não passe do resultado dessa batalha para reconstituir a mensagem perdida. Nós não os vemos, e eles, invisíveis, agem ao nosso redor”.

Nível: 1

88 - Página: 413

Trecho: “No fim das contas eram alemães”, disse eu. “Vou ler os manifestos rosacruicianos”. “Mas se disse que eram falsos”, disse Belbo. “E daí? Também nós estamos construindo um modelo falso”. “É verdade”, disse. “Estava me esquecendo”.

Nível: 2

89 - Página: 416

Trecho: Li os manifestos com o propósito de não acreditar no que diziam, mas querendo ver através deles, como se dissessem algo mais.

Nível: 1

90 - Página: 423

Trecho: “... e como é o verdadeiro autor dos dramas de Shakespeare, devemos reler igualmente todo Shakespeare, que certamente não falava de outra coisa senão do Plano”, disse Belbo. [...] “Tudo me parece de uma clareza quase insuportável”. “Estávamos sendo desviados pelo pensamento racionalista”, disse Diotallevi, “eu sempre disse”.

Nível: 1

91 - Página: 427

Trecho: “Estamos reconstruindo gradativamente a história do mundo”, disse Diotallevi. “Estamos reescrevendo o Livro. Agrada-me, agrada-me”.

Nível: 1

92 - Página: 440

Trecho: “Não podemos inventar conexões. Elas existem”

Nível: 3

93 - Página: 458

Trecho: “O progresso exige suas vítimas. Admitam no entanto que estamos encontrando uma racionalidade imanente na história”.

Nível: 2

94 - Página: 46

Trecho: Mas não, nós - os sardônicos - queríamos brincar de esconder com os diabólicos mostrando-lhes que, se tinha de haver uma conspiração cósmica, nós sabíamos inventar uma que não podia ser mais cósmica”.

Nível: 3

95 - Página: 466

Trecho: “Parece-me evidente! Quem trama, se trama, trama escondido, não à luz do sol. Desde o tempo dos tempos que todos sabem disso. O domínio do mundo significa o

domínio daquilo que está embaixo. Das correntes subterrâneas”. Lembrei-me de uma pergunta de Agliè em seu escritório, e da druidesa no Piemonte, que evocavam as correntes telúricas.

Nível: 1

96 - Página: 468

Trecho: E, no entanto, acompanhava Salon, e no entanto maquinava novas ideias maliciosas para o Plano. Enquanto aguardava a única Verdade deste mundo sublunar, estava me danando todo para arquitetar novas mentiras. Cego como os animais no subsolo.

Nível: 3

97 - Página: 468

Trecho: Okrana, Okrana, algo assim como o KGB, não era a polícia secreta czarista? E Rackovsky, quem era? Quem tinha um nome parecido? Meu Deus, o misterioso visitante do coronel, o conde Rakosky... Não, bobagem, estava me deixando levar pelas coincidências. Eu não empalhava animais mortos, gerava animais vivos.

Nível: 1

98 - Página: 473

Trecho: Dávamos toques de polegar ao Plano, que, como uma argila macia, obedecia aos nossos desejos fabulatórios.

Nível: 1

99 -Página: 474

Trecho: Os templários haviam percebido que o segredo não consistia apenas em conhecer o mapa global, mas em saber onde estava seu ponto crítico, o Omphalós, o Umbilicus Telluris, o Centro do Mundo, a Origem do Comando.

Nível: 1

100 - Página: 476

Trecho: Um mapa? Mas um mapa tem um sinal sobre o ponto em que se acha o Umbilicus. E quem tiver em mãos o fragmento com o sinal fica sabendo logo de tudo e não precisa juntar os outros fragmentos. Não, a coisa devia ser mais complexa. Ficamos

quebrando a cabeça com isso por mais alguns dias até que Belbo Resolveu recorrer ao Abulafia.

Nível: 1

101 - Página: 478

Trecho: “No coro de Saint-Martin há uma janela com uma greta no ponto em que dois vidros coloridos ou foscos foram juntados um ao outro pela massa de chumbo. Foi calculada minuciosamente, e com toda a probabilidade há 600 anos que alguém se dá ao trabalho de mantê-la em forma. Ao nascer do Sol de determinado dia do ano...” “... que não pode ser outro senão o dia 24 de junho, dia de São João, festa do Solstício de verão...” “... isso, naquele dia e naquela hora, o primeiro raio de Sol que penetra pela janela bate no Pêndulo e ali onde o Pêndulo está no momento em que for atingido pelo raio de Sol, naquele preciso ponto do mapa é que estará o Umbilicus!”.

Nível: 1

102 - Página: 482

Trecho: É um mapa concebido para ser colocado embaixo de um Pêndulo! São evidências irrefutáveis, como pode ser que ninguém tenha pensado...”

Nível: 3

103 - Página: 482

Trecho: “Nada mal, nada mal”, disse Diotallevi. “Encontrar a verdade reconstruindo exatamente um texto falso”.

Nível: 3

104 - Página: 485

Trecho: “É verdade”, disse Belbo, “o século XIX é obcecado pelos subterrâneos, Jean Valjean, Fantomas e Javert, Rocambole, todo um vaivém pelos condutos e cloacas. Ó meu Deus, agora que penso nisso, toda a obra de Júlio Verne é uma revelação iniciática dos mistérios do subsolo!”.

Nível: 1

105 - Página: 487

Trecho: A reconstituição tomou-nos dias e dias, interrompíamos nosso trabalho para revelarmos uns aos outros nossas últimas conexões, líamos tudo o que nos caía sob as mãos, enciclopédias, jornais, histórias em quadrinhos, catálogos editoriais, em leitura transversal e à procura de curtos-circuitos possíveis, pusemo-nos a vasculhar os sebos, fuçávamos as bancas de jornais, apossáva-mo-nos descaradamente os manuscritos dos nossos diabólicos, entrávamos triunfantes no escritório despejando sobre a mesa o resultado de nossos últimos achados.

Nível: 3

106 - Página: 488

Trecho: Em todo caso, fosse qual fosse o ritmo, a sorte nos premiava, porque quando se quer encontrar conexões, encontra-se sempre, em todos os lugares e em tudo, o mundo explode numa rede, num vórtice de parentescos, e tudo faz remissão a tudo, tudo explica tudo...

Nível: 1

107 - Página: 489

Trecho: A ideia apresentou-se a Belbo numa noite de insônia. Havia chegado à janela e vira ao longe, por cima dos telhados de Milão, as luzes da torre metálica da radiotelevisão italiana, a grande antena da cidade. Uma prudente e moderada torre de Babel. E então compreendeu.

Nível: 3

108 - Página: 490

Trecho: Fizemos a releitura de toda a história da ciência: a própria estação espacial se tornava compreensível, com seus satélites alucinados que outra coisa não fazem senão fotografar a crosta da Terra para detectar as tensões invisíveis, os fluxos submarinos, as correntes de ar quente. E para falar entre si, falar à Torre, falar a Stonehenge...

Nível: 3

109 - Página: 491

Trecho: Quando permutamos os resultados de nossas fantasias, pensávamos, e com razão, estar procedendo por meio de associações indébitas, curtos-circuitos extraordinários, nos quais nos envergonharíamos de fazer fé - se no-los tivessem

imputado. [...] nosso cérebro ia se acostumando a associar, associar, associar uma coisa qualquer a quaisquer outras coisas, e para fazê-lo automaticamente devia adquirir hábitos. Creio que não haja diferença, a partir de um certo momento, entre habituar-se a fingir que se crê e habituar-se a crer.

Nível: 2

110 - Página: 492

Trecho: Talvez porque estivesse em contato cotidiano com Lia, e com o meu filho, dos três eu era o menos afetado pelo jogo.

Nível: 2

111 - Página: 492

Trecho: Eu me habituava, Diotallevi se corrompia, Belbo se convertia. Mas todos estávamos lentamente perdendo aquela luz intelectual que nos faz sempre distinguir o similar do idêntico, a metáfora a coisa em si.

Nível: 3

112 - Página: 500

Trecho: (incrível como todas as peças de nosso quebra-cabeça estavam se encaixando, pouco a pouco e de maneira admirável!).

Nível: 3

113 -Página: 502

Trecho: “Não foi por acaso que em 1808 as tropas do marechal Ney se encontram em Tomar. Estão vendo o nexó?”

Nível: 3

114 - Página: 509

Trecho: “Pois a mim o que mais impressiona”, disse Belbo, “é a sensação de *déjà vu*. A síntese da história é que esses Sábios relatam um plano para a conquista do mundo, e esse é um discurso que já havíamos ouvido. Procurem excluir algumas referências a fatos e problemas do século passado, substituam os subterrâneos do metrô pelos subterrâneos de Provins, e todas as vezes em que estiver escrito judeus leiam templários

e sempre que virem escrito Sábios do Sião escrevam os Trinta e Seis Invisíveis divididos em seis grupos... Meus amigos, esta é a Ordonation de Provins!”.

Nível: 3

115 -Página: 510

Trecho: Tínhamos tudo sob os olhos há tempos, e não nos havíamos dado conta. No curso de seis séculos seis grupos se batem para realizar o Plano de Provins, e cada um deles toma o texto ideal daquele Plano, muda-lhe simplesmente o sujeito, e o atribui ao adversário.

Nível: 3

116 - Página: 513

Trecho: A nós não restava senão corrigir a Sra. Webster segundo essa mesma lógica: como o plano se amoldava perfeitamente àquilo que deviam pensar os templários, era um plano dos templários. Além do mais, a nossa lógica era a dos fatos.

Nível: 3

117 - Página: 514

Trecho: Tratava-se sempre do plano dos jesuítas e, por alto, da Ordonation templar. Poucas variações, permutações mínimas: os Protocolos estavam-se fazendo sozinhos. Um projeto abstrato de complô migrava de um complô para o outro.

Nível: 3

118 - Página: 517

Trecho: São Germano possivelmente havia assumido novos disfarces e novas reencarnações. Mas nossa história adquirira um perfil plausível, racional e límpido, porque fora favorecida por uma série de fatos, verdadeiros, dizia Belbo, como verdadeiro é Deus.

Nível: 3

119 - Página: 535

Trecho: Belbo tinha conseguido encaixar até Hitler no plano. “Tudo escrito preto no branco. Está provado que os fundadores do nazismo estavam ligados ao neotemplarismo

teutônico”. “Não nos parece”. “Não estou inventando nada, Casaubon, desta vez não estou inventando!”.

Nível: 3

120 - Página: 541

Trecho: Belbo e eu estávamos associando sua doença ao Plano, que talvez tivéssemos levado longe demais.

Nível: 3

121 -Página: 552

Trecho: Metendo Hitler no Plano, tínhamos encontrado uma boa razão para a Segunda Guerra Mundial. Pondo agora os Assassinos, estamos explicando tudo o que ocorre há anos entre o Mediterrâneo e o golfo pérsico. E aqui encontramos um lugar para incluir o Tres, Templi Resurgentes Equites Synarchici. Uma sociedade que se propõe restabelecer finalmente os contatos com as cavalaria espirituais de credos diversos.

Nível: 3

122 - Página: 553

Trecho: Inventar um Plano: o Plano te justifica a tal ponto que não és nem mesmo responsável pelo próprio Plano. Basta atirar a pedra e esconder a mão. Não haveria falha se de fato houvesse um Plano.

Nível: 2

123 - Página: 555

Trecho: Daí o que aconteceu depois, sua utilização do Plano - que sabia irreal - para derrotar um rival - que acreditava real. E depois, quando percebeu que o Plano o estava envolvendo como se de fato existisse, ou como se ele, Belbo, fosse feito da mesma massa de que era feito o seu Plano, faz uma viagem a Paris como indo ao encontro de uma revelação, uma desforra.

Nível: 3

124 - Página: 558

Trecho: “Pois bem. Agora imagine se um patusco vienense, para divertir os amigos, se pusesse a inventar toda aquela história do Ego, de Édipo, e imaginasse sonhos que de fato nunca teve, e pequenos Hans que nunca tinha visto... E depois que aconteceu? Que havia milhões de pessoas prontas a se tornarem neuróticas a sério. E outros milhares prontos a explorá-las.” “Lia, você é paranoica.” “Eu, não. Você!”

Nível: 2

125 - Página: 566

Trecho: “Os manifestos rosacrucianos de vocês não eram nem claros nem límpidos, eram um borborigmo e prometiam um segredo. Por isso é que tanto procuram torná-los verdadeiros, e cada um de vocês neles encontrou o que queria.”

Nível: 2

126 - Página: 566

Trecho: Na verdade, eu sentia saudade do Plano, não queria jogá-lo fora, convivera demasiado com ele.

Nível: 3

127 - Página: 571 e 572

Trecho: Belbo já estava se conscientizando de que essa identificação com o Plano era um mal, ou talvez mesmo o Mal. Mas, talvez para objetivar o Plano e restituí-lo à sua dimensão puramente fictícia, ele o houvesse escrito, palavra por palavra, como se fossem as memórias do coronel. Narrava-o como um iniciado que comunicasse seu último segredo. Creio que para ele isso fosse a cura: restituía à literatura, por pior que fosse, aquilo que não era vida.

Nível: 3

128 - Página: 576

Trecho: Não devia ser difícil, pensava Belbo: havíamos reduzido à nossa medida Napoleão e Bacon, por que não Agliè? Mandaremos também ele à procura do Mapa. Libertei-me de Ardeni e de sua lembrança colocando-o numa ficção melhor que a dele. O mesmo sucederá com Agliè.

Nível: 3

129 - Página: 585

Trecho: Mas talvez não, até seu nome também deveria ser falso, Agliè não era Agliè, mas não importava quem fosse na verdade, porque de fato estava se comportando, e já havia anos, como o personagem de uma história que nós inventamos somente muito mais tarde.

Nível: 2

130 - Página: 592

Trecho: “E então quisemos fazer aquilo que não nos era permitido e que não estávamos preparados para fazer. Manipulando as palavras do Livro, quisemos construir o Golem.” “Não entendo...” “Não podes mais entender. Estás prisioneiro da tua criatura. Mas a tua história se desenvolve ainda no mundo exterior. Não sei como,mas dele podes sair. Para mim é diferente, estou experimentando em meu corpo aquilo que fizemos por brincadeira no Plano”.

Nível: 3

131 - Página: 594

Trecho: Creio que Belbo tenha ido a Paris para dizer a eles que não havia segredo algum, que o verdadeiro segredo era deixar andar as cédulas segundo sua sabedoria instintiva, porque ao procurar segredos sob a superfície reduzia-se o mundo a um câncer imundo. E que o mais imundo e estúpido de todos era ele, que não sabia nada e havia inventado tudo - e muito lhe devia custar, porém desde algum tempo aceitara a ideia de que era um covarde, e De Angelis lhe mostrara que de heróis só há uns poucos. Em Paris deve ter havido o primeiro contato e Belbo se deu conta de que Eles não acreditavam em suas palavras. Eram simples demais. Agora estavam à espera de uma revelação, sob pena de morte. Belbo não tinha revelações a fazer e, última de suas covardias, tinha medo de morrer. E então tratou de fazer desaparecer suas pistas, e me ligou. Mas eles o tinham prendido.

Nível: 2

132 - Página: 598

Trecho: A vitória de quem? Talvez naquela história de derrotados, de diabólicos enganados por Belbo, de Belbo enganado pelos diabólicos, de Diotallevi enganado por suas células, no momento eu era o único vitorioso. Estava à espreita no periscópio, sabia dos outros e os outros não sabiam de mim. A primeira parte do meu projeto tinha saído segundo os planos. E a segunda? Sairia segundo meus planos, ou segundo o Plano, que não mais me pertencia?

Nível: 2

133 - Página: 636

Trecho: Agora sei que Belbo morreu e que o Plano é real, porque real é a Torre. Se não consigo fugir, fugir mais uma vez, não poderei dizê-lo a ninguém. É preciso dar o alarme.

Nível: 3

134 - Página: 638

Trecho: A mesa estava bem defronte a um aquário. Um universo bastante irreal capaz de arremessar-me novamente num clima de suspeita absoluta. Nada é por acaso.

Nível: 3

135 -Página: 644

Trecho: Finalmente, aquilo que Lia me disse na montanha era verdade, sua leitura era absolutamente convincente, a mensagem de Provins não passava de um rol de roupa. Jamais tinha havido reuniões de templários na Grange-aux-Dîmes. Não havia Plano nem mensagem alguns.

Nível: 2

136 - Página: 644

Trecho: Lembrava-me de uma frase que Lia me dissera na montanha, quando me reprovou por ter feito um jogo baixo: “As pessoas têm fome de planos, se você lhes oferece um, caem em cima como uma alcateia de lobos. Basta inventar que creem. Não é necessário aparentá-lo mais imaginário do que de fato é”.

Nível: 2

137 - Página: 645

Trecho: Consequência, inventamos um Plano inexistente e Eles não só o tomaram por bom, como também se conveceram de que estavam nele desde muito, ou seja, identificáramos fragmentos de seus projetos desordenados e confusos como momentos do Plano, o nosso, preparado segundo uma irrefutável lógica da analogia, do indício, da suspeita.

Nível: 3

138 - Página: 647

Trecho: Agora me parecia mais lógica, consequente, a dinâmica do rito noturno diante do Pêndulo. Belbo havia sustentado possuir um segredo, e por isso havia adquirido poder sobre Eles. O impulso imediato, até mesmo o de um homem prudente como Agliè, que logo bateu o tantã para convocar os demais, era o de arrancá-lo de Belbo. E quanto mais este se recusava a revelá-lo, tanto maior imaginavam que fosse o segredo, e quanto mais jurava não possuí-lo, tanto mais ficavam convencidos de que o possuía e de que era um segredo verdadeiro, porquanto se fosse falso já o teria revelado. Por séculos a procura desse segredo era o cimento que os mantinha unidos, para além das excomunhões, das lutas intestinas, dos ataques de surpresa. Agora estavam prestes a conhecê-lo. E foram assaltados por dois temores: que o segredo fosse decepcionante, e que - tornando-se conhecido de todos - não restasse mais nenhum segredo. Teria sido o fim deles.

Nível: 2

139 - Página: 667

Trecho: Compreendi. A certeza de que nada havia para compreender, esta devia ser a minha paz e o meu triunfo. Mas aqui estou eu, que compreendi tudo, e Eles à minha procura, pensando que possuo a revelação que sordidamente desejam. Não basta haver compreendido, se os outros se recusam e continuam a interrogar. Estão à minha procura, devem ter encontrado minha pista em Paris, sabem que agora estou aqui, ainda querem o Mapa. E por mais que lhes diga que não há mapa algum, sempre haverão de querê-lo. Belbo tinha razão: mas vai te foder, imbecil, que vais querer, matar-me? Pois vamos acabar com isto. Matem-me, mas que o Mapa não existe, não digo, que ninguém aprende a ser esperto sozinho...

Nível: 2

140 - Página: 667

Trecho: É noite alta, vim de Paris esta manhã, onde deixei demasiadas pistas. Já terão tempo de adivinhar onde estou. Daqui a pouco chegarão. Queria escrever tudo que pensei desde aquela noite até agora. Mas se Eles o lessem, extrairiam de meus escritos outra nebulosa teoria e passariam a eternidade procurando decifrar a mensagem secreta que se oculta por trás da minha história. É impossível, diriam, que nos tenha contado apenas que estava brincando conosco. Não, talvez ele não soubesse, mas o Ser nos enviava uma mensagem através de seu silêncio.

Nível: 3

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Mariana Gonçalves Penna, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão intitulado *Uma economia dos rumores em O Pêndulo de Foucault* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Assinatura: Mariana G. Penna